

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES (Direcção: T. 152

Redacção: T. 153 e 154

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A ASSOCIAÇÃO dos Empresarios Portuguezes dirigiu uma representação ao sr. ministro do Interior, queixando-se amargamente dos privilegios que vêm sendo concedidos a varias classes do funcionalismo publico e outras entidades de caracter official, relativamente á entrada gratuita nas casas de espectaculos.

Isso constitui, como se compreende, um agravamento da crise com que de ha muito lutam as referidas empresas.

Pedem os empresarios apenas isto: que se cumpra o Regulamento dos Teatros, onde vêm designadas duma forma expressa as entidades que têm entrada gratuita e lugares reservados nas casas de espectaculo, a fim de evitar que os teatros se encham de centenas de individuos que não vão ali exercer nenhuma função publica, mas simplesmente gosar da apetitosa diversão, com sacrificio das empresas e até do verdadeiro publico, que paga os seus lugares e se vê preterido e muitas vezes molestado nas suas comodidades pela avalanche imprevista destes espectadores adventicios.

* * *

O SR. Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cuja chegada a Lisboa estava anunciada para hoje, escreveu de Paray-le-Monial, onde tem permanecido após o seu regresso de Roma, comunicando que não sabia ao certo o dia da sua vinda, que não o anunciaria, e que as primeiras homenagens as deseja prestadas por ele proprio e o povo, na sua Sé Patriarcal.

Segundo as nossas informações, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira chega hoje, efectivamente, a Lisboa, devendo a sua carta ter servido apenas para evitar as manifestações que os catholicos lhe preparavam.

* * *

DIZEM de Jerusalem, que perto de Elishá, ao norte de Jericó, foi descoberto um muro com 150 pés de comprimento e dez de altura, que é considerada a mais maravilhosa reliquia da idade do bronze encontrada até hoje na Palestina.

Julga-se que tem mais de seis mil anos e está em excelente estado de conservação.

* * *

A FOLHA official publica hoje o importante decreto, já conhecido, que cria a Administração Geral dos Serviços Hidraulicos e Aquicolos, unificando todos os serviços relativos á superintendencia do Estado sobre o produção, transporte, distribuição e utilização de energia electrica.

* * *

O CONSELHO Nacional de Turismo resolveu solicitar da Associação dos Arqueologos, Conselho de Arte e Arqueologia e Direcção Geral dos Monumentos Nacionais a indicação de um representante seu para emitir parecer em todos os assuntos que careçam de estudo sobre arqueologia e arte.

Ao longe...

Passa amanhã um novo aniversario do 31 de Janeiro que anunciou a vinda da Republica no sacrificio dos bravos que a sonharam e baptisaram com a sua fé, a sua coragem e o seu sangue. Os velhos e os jovens não podem esquecer esta data — os primeiros para medirem o muito que andaram, os segundos para saberem o que lhes falta caminhar.

Embora os tempos em que vivemos se caracterizem pela irreverencia da critica, que empreende largas demolições, e pela inconstancia dos homens, que perdem a bussola dos seus moços e fervorosos idealismos, é um simples acto de justiça conservar memoria destes nomes — Alves da Veiga, João Chagas, Basilio Teles e Sampaio Bruno, capitão Leitão, tenente Coelho e alferes Malheiro.

Fôram eles que quebraram a paz pôdre, a inercia dos egoistas e o comodismo dos arranjistas, lançando uma ideia de fogo, numa atmosfera de bruma. O 31 de Janeiro foi vencido: os seus inspiradores e os seus soldados conheceram as cadeias, os exilios e as deportações. Mas a semente ficou e frutificou nos animos robustos. A luta rompeu das cinsas em que parecia aniquilada a voz da revolução.

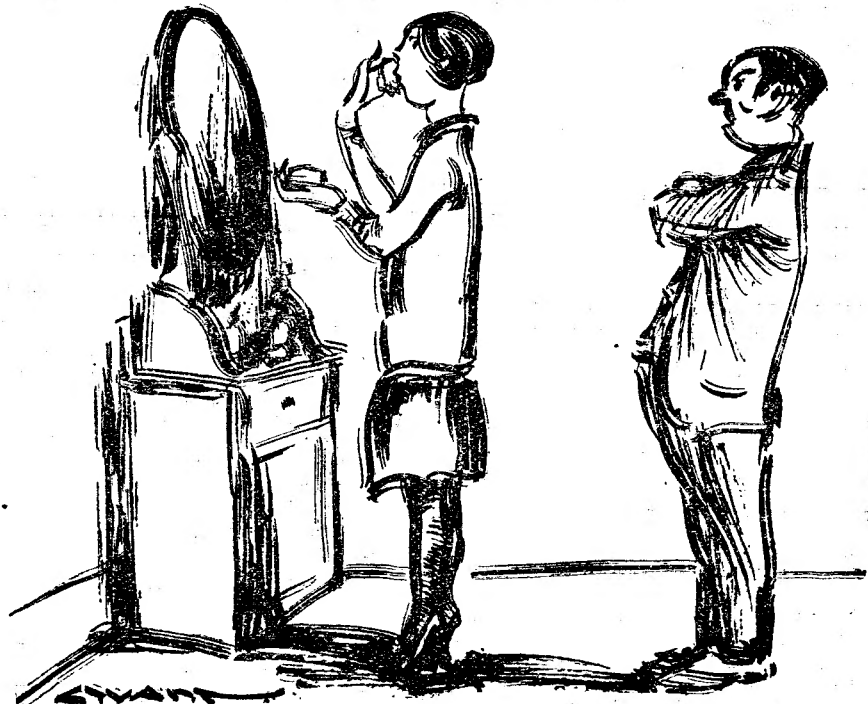
Através de perseguições e violencias, as defecções de uns e as desconfianças de outros, as arremetidas cegas e as paragens bruscas, a Republica nunca errou o seu alvo. O povo sentiu nela o verbo do seu resgate: abraçou-a com a certeza de que um dia ela lhe bateria á porta — para a luz e para a justiça do seu destino.

E não se enganou, porque o 5 de Outubro foi o termo logico e admiravel de muitas jornadas vencidas á custa de dedicações, sofrimentos e amargas experiencias entre as certezas que tudo prometem e as decepções que tudo aniquilam. Os republicanos — os do bom tempo — não se fizeram apazivavelmente, á sombra de ilusões amáveis: atiraram para a propaganda a sua mocidade, a sua intelligencia e o seu sossêgo.

Na hora do triunfo, invadiu-os a alegria de haverem sido fieis á miragem que abraçaram, ainda nas escolas ou nas oficinas. Alguns só puderam vislumbrar a ventura de amarrar á terra a esperança esquiva que, por largos anos, ora se aproximava, ora se afastava da sua ansiedade. A morte colheu-os, mesmo á beira do exito.

Mas quer nuns, quer noutros, o clamor do 31 de Janeiro transparecia visivelmente — como na juventude dos filhos aparece a distante juventude dos pais. No Porto, a Republica passou como um relampago tocado pelo sangue dos que lhe ofertaram a sua vida. O seu clarão guardou-se nas almas — imortalmente.

O 5 de Outubro provocou o incendio, a deflagração dos sonhos amorosamente recitados. Os dois acontecimentos são os termos da mesma equação.



ELE: — Tudo o que te digo entra-te por um ouvido e sai-te pelo outro.

ELA: — Tu bem sabes que eu nunca fui de reservas...

NA segunda feira passada, quando chegámos ao *Diário de Lisboa*, encontramos uma carta do sr. Delfim Maia, com o pedido de publicação para uma outra, nela inclusa, dirigida ao sr. tenente-coronel João Tamagnini Barbosa, a proposito da sua entrevista referente a Monsanto.

Encarregámos o redactor que interviera no assunto de procurar o illustre entrevistado, visto que o sr. Delfim Maia nos dizia que lhe enviara registado um documento igual. A sua resposta foi a de que nada devia acrescentar ou tirar ao que dissera.

Com o resto nada tinha... E quando nos preparavamos para atender o pedido do sr. Delfim Maia, constatámos que *A Voz* se adiantára, inserindo a sua carta.

Porque não se esperou que o *Diário de Lisboa* definisse a sua attitude?

Não achamos explicação facil para esta pergunta, dado que nós nunca recusámos a ninguém o direito de se defender. Pelo contrario: mantemo-lo para todos que se nos dirijam correctamente. E como o sr. Delfim Maia se achava nestas condições, podia começar por se dirigir sómente ao jornal que publicára a entrevista. Os outros depois — transcreveriam. Parece-nos ser este o bom caminho.

Mas como não queremos que ninguém pense que nós prometemos uma coisa e fazemos outra, damos hoje na integra a resposta do sr. Delfim Maia ao sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa.

* * *

EMPRESTAVA-SE uma grande importancia politica ao Congresso do Partido Socialista Francês, que já terminou.

As duas correntes da maioria e da minoria degladearam-se cordealmente, em termos respeitosos, sendo os seus conflitos á roda de pontos de vista doutrinaes e de processos de acção, e não de questões pessoais.

O congresso acabou em bem, tendo votado por unanimidade que o partido deve manter-se fiel ao seu programa, e votado por maioria de 2.066 votos contra 1.507, com 35 abstenções, que o partido não deve comparticipar do poder em govêrnos de concentração, pois se encontra habilitado a governar sósinho.

* * *

O CENTRO Escolar Republicano de Belem comemora a data de 31 de Janeiro com uma sessão solene, em que farão uso da palavra diversos oradores, enaltecendo o significado desse acontecimento historico.

* * *

NO Hospital Escolar de Santa Marta realizou-se hoje a habitual reunião do corpo clinico, tendo sido feitas algumas comunicações scientificas muito interessantes sobre diversos assuntos.

* * *

NO *sud-express* seguiu hoje para Paris, acompanhado de sua familia, o sr. conde de Castelo Mendo.

A Musica

Recital de Jaime Silva

Jaime Silva (filho) realiza no proximo domingo, 2 de Fevereiro, um recital de piano, que levará ao Teatro da Trindade todos os apreciadores de boa musica. Jaime Silva é, mais que uma esperança, uma brilhante realidade que se deve ao nosso Conservatorio, onde o saudoso Rey Colaço foi seu mestre e o actual director sr. Viana da Mota, perfeito continuador. Os exitos do jovem pianista, em Portugal e no estrangeiro—especialmente no concurso de Genebra—dão-lhe uma aureola que justifica o interesse dos seus recitais.

E não devemos esquecer que foram os proprios professores de Jaime Silva quem o encorajaram: Rey Colaço reconhecendo-lhe qualidades excepcionais para o melhor exito e ani-



JAIME SILVA (FILHO)

mando-o para tomar parte no concurso de Genebra, Viana da Mota confirmando tais qualidades e a posse duma tecnica segura, compreensão, brio, colorido e facilidade, garantindo-lhe um brilhante futuro.

Por tudo isto, constitui um acontecimento artistico o proximo recital do talentoso pianista, que hoje ouvimos acerca do programa a executar.

—Começarei por interpretar «Papillons» op. 2 e «Toccata», de Schumann, que apenas pela Sociedade de Concertos foram dados a conhecer em Lisboa. Segue-se a «Sonata» em si menor de Chopin, a mais importante das da sua obra genial. Na 3.ª parte, darei a conhecer a «Sérénade pour the doll», de Debussy, inédita no piano, e «Malaguena» e «Jaleo» —Cante Flamenco—de mestre Rey Colaço que, como é sabido, nasceu em Marrocos e vibrava as nostalgias andaluzas; a obra do meu falecido professor, seguir-se-á a «Cantiga de Amor», de mestre Viana da Mota, e terminarei com a «Nallia» de Delibes-Dohnányi que Backaus tocou magistralmente no «Tivoli».

Profetizando-lhe mais um triunfo, preguntámos a Jaime Silva quais são os seus projectos, e o artista informa-nos que se prepara para completar os seus estudos em Munich.

Mas quando felicitávamos aquele que supunhamos pensionado do Estado, ouvimos que tal pensão ainda não fora concedida e que o problema da ida para Munich o preocupa tanto como o do seu proximo concerto...

O concerto de amanhã no Tivoli

No concerto sinfonico de grande orchestra, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco, 7.º da assinatura, que se realiza amanhã, dia de feriado, a pedido de muitas pessoas que não podem pelos seus afazeres assistir aos sabados a estes concertos, executa-se uma composição de um novo autor português, de 19 anos de idade, e que é a maior esperança entre os compositores nacionais pelo seu saber e pela sua inspiração. Esse novel autor que pela 1.ª vez se apresenta ao publico, Jorge Croner de Vasconcelos, é filho do distinto violinista e professor do Conservatorio Alexandre Bettencourt, e intitulou a sua despretenciosa obra «Poemeto Sinfonico».

Além desta, o programa que é verdadeiramente extraordinario contém a «Sinfonia Incompleta», de Schubert, «L'apprenti sorcier», de Dukas; «Romeu e Julietta scena de amor», de Berlioz; «Danças romancas», de Bartok; «El sombrero de Três Picos», «Os vizinhos», «Dança do moleiro», «Dança final», de M. de Falla e a overture de «Egmont», de Beethoven, programa esplendido e organizado de modo a que todos os que não frequentam estes concertos por não poderem, tenham uma sensação de arte, um grande prazer espiritual e apreciando as mais belas obras sinfonicas reconheçam o valor da magnifica orchestra e do seu director.

DETECTIVE

informações privadas. O mais antigo. Situação legal. Ótimas referencias. Não confundir com os imitadores — Caixa postal 174 — Telefone Trindade 4450 —

PRATAS ARTISTICAS

Reis, Filhos — do Porto
Representante, venda e deposito:
Ouriveria ELOY DE JESUS
43 — R. GARRETT — 45

Julio das Farturas

PARQUE MAYER

PASSOS VACILANTES 7 partes

2 partes comicas

Pela grafonola electrica musica, fados e canções.

Amanhã — Matinée ás 17.

RIR — RIR — RIR

UM EXEMPLO

A emigração

em Portugal

e o que se faz em Italia

Mussolini, o expoente maximo da Nova Italia, o homem que pelo seu valor tornou possível a celebre marcha de Roma, com a mais nitida visão de quanto valem as organizações maritimas, como primordiais forças capazes de elevar e engrandecerem um Estado tem dedicado uma parte do seu admiravel esforço em prol da Marinha Mercante do seu País.

Enquanto em Portugal o problema da Marinha Mercante se arrasta, deixando-nos que os outros países nos arranquem as fontes de receita proprias, pelo mundo em fora todos os governos cuidam dela, reconhecendo que constitui uma grande parte da vida das Nações. Nos ultimos anos, a Marinha Mercante da Italia foi consideravelmente melhorada e protegida, mercê de uma série de medidas acertadas, á custa das quais o comercio italiano tem aumentado imensamente. (Estão em construção nos estaleiros italianos 36 navios representando 69.000 ton.)

No capitulo emigração tem Mussolini promulgado leis que têm facultado grandes vantagens a M. M. Nacional. Deixam a Italia anualmente cerca de 86.000 indivíduos, 40.000 por sua livre vontade, (com condições de vida) 40.000 debaixo da protecção do Governo e 6.000 por outros motivos. Dos 40.000 que partem com protecção, 25.000 regressam anualmente graças ás medidas que vamos tentar expôr.

Antes porém de o fazermos, cabe-nos dizer que o numero de italianos dispersos pelo mundo é de 10.000.000, sendo a sua maior colonia—2.000.000—aquela que vive no grande imperio brasileiro, pois ocupa o segundo lugar depois da portuguesa.

A primeira condição para o emigrante poder deixar o seu país é saber ler e escrever. E' obrigado a apresentar um contracto de trabalho que lhe garanta modo de vida durante um determinado espaço de tempo. Obriga-se o emigrante a não levar e a não mandar seguir qualquer pessoa de familia. Terminado o contracto é obrigado a regressar ao país, salvo no caso de conseguir um novo, sem o que o estado italiano lhe retira a protecção. Conseguindo um novo contracto apresenta-lo-ha no consulado do seu país, no local onde se encontre para que o consul, ajuize das garantias do mesmo, tornando-o inaceitavel uma vez que as firmas signatarias não mereçam confiança ou não abonem o suficiente para boa segurança e sustento do emigrado em questão. Quando o emigrante deixa a Italia vai munido de um bilhete de ida e volta que lhe permite voltar ao seu país uma vez que as circunstancias o determinem.

e sem mais dificuldades. Desta forma conseguiu Mussolini o seguinte: conservar uma grande parte dos italianos de baixo da bandeira da mãe Patria, evitando a desnacionalização; a não saída de mulheres e crianças para fora de sua terra; uma entrada anual de muitos milhões de liras nos cofres da Nação produto das mensalidades que os emigrados enviam a suas familias.

Quanto á parte que diz respeito a medidas de protecção á frota mercante, essas são realmente brilhantes, pelo muito que contém de patriotico e pelo que têm contribuido para o desenvolvimento maritimo da armada fascista. Não vedando á navegação estrangeira o transporte de emigrantes, esse transporte é porém de acordo com as leis que regem os serviços nacionais, quer dizer os mesmos direitos e as mesmas obrigações. Poucos navios se aproveitam desta faculdade e assim as companhias nacionais têm progredido extraordinariamente nos ultimos anos. A armada mercante italiana ocupa hoje o quinto lugar entre as armadas do mundo.

Comparando aquilo que a Italia tem feito com o que nós fazemos somos mais uma vez obrigados a verificar, que as nossas condições de emigração são espantosamente precarias, improprias mesmo de um Estado como Portugal. Atiramos para o porão dos navios estranhos, que nos exploram, uma massa ignara e inculta, sem condições para a luta pela vida, deixando que os campos se desertem e o nivel intelectual dos portugueses seja ridicularizado pelo mundo fora. A quasi totalidade do nosso emigrante não sabe ler. Ao partirem, levam consigo uma legião interminavel de criancinhas que na sua quasi totalidade já mais regressam á Patria. Uns, triunfam, outros morrem á mingua sem que o Governo os salvegarde. Dos filhos que partem perde Portugal milhares por ano. Com frequencia mudam de nacionalidade, sujeitando-se á bandeira do país que lhes deu abrigo.

Pensamos que é um dever patriotico proteger o emigrante poupando-lhes os insucessos tão frequentes. Condiciona-se a sua saída, imponham-se garantias de trabalho, legisle-se no sentido de obrigar parte daqueles que partem a voltar. Zelemos a vida e a saúde daqueles que nos deixam, fazendo com que seja a nossa bandeira a acompanhá-los na busca do trabalho. Só assim dignificaremos aos olhos dos estranhos e aos nossos proprios a existencia de um povo que, pelo que cometeu, pelo que faz e pelo que de melhor pode realizar, tem direito a guindar-se ao mais elevado lugar no concerto geral dos povos que trabalham.

JULIO CABRAL

Calçado Atlas

As novas instalações de maquinaria que acabam de ser montadas para expansão da nossa industria com processos de fabrico mais modernos, permitem-nos fazer redução das nossas tabelas de preços, que já estão em vigor nos depositos da

RUA AUREA, 198

RUA AUGUSTA, 149

RUA DO CARMO, 87-D

RUA DO LORETO, 38

Grande Hotel d'Italia

Mont'Estoril

Casino Internacional

MONT'ESTORIL

COSTA DO SOL

Amanhã, 31 — Feriado Nacional.

No Salão de Restaurante, ás 20 horas:

Jantar de Gala á Portuguesa

Preço: 25\$00 (A' moda do Porto)

No Salão de Festas, ás 22 horas: Exibição no «écran» do magnifico filme

«Muito prazer em o conhecer...»

BAILE DE GALA — COTILLON

Distribuição de novidades ás tenhoras

ESTORIL

Hotel do Parque

OLIMPIA CLUB

Relumbante successo

MARISSA

Rainha do Couplet

Que pela primeira vez se exhibe em Portugal.

Na Taverne: Fados por Maria Alice e Emilia Ferreira.

Uma carta

Do sr. Delfim Maia

E' do teor seguinte a carta que o sr. Delfim Maia dirigiu ao sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa, a proposito da entrevista que este illustre homem publico nos concedeu, sobre a vitoria de Monsanto.

Ex.º Sr. João Tamagnini Barbosa
Amigo que foi, contemporaneo e condiscipulo nas Escolas.

O titulo «Um Rei», neste tempo em que Eles vão faltando, chamou-me a atenção para o «Diario de Lisboa» ao tomar hoje o comboio das 8,20 da noite para Cascais.

Amanhã ás 9 horas da manhã o distinto cirurgião dr. João Pais de Vasconcelos opera da apendicite, na Ordem 3.ª de S. Francisco da Cidade, um filho meu, de 7 anos.

O sr. João Tamagnini deseja que tudo corra bem.

Correrá, mas não foi para lho dizer, nem para juntar aos meus votos os seus votos de felicidade que lhe escrevo.

Eu li a sua «simpatica» e compreensivel evocação — «Governa 28 de Maio» — á vitoria de Monsanto e venho, «por mim», dizer-lhe:

Os tenentes-coroneis Silveira Ramos, Alberto Teixeira, do Grupo a Cavallo, Alvaro Mendonça, capitão Carlos Veloso — eles que me perdõem citar-lhes os nomes — e como estes tantissimos outros também chamados a servir o País pelo assassinado Presidente Sidonio Pais, servirão a ele, Presidente, lealmente, até ao fim.

Morto o Presidente, seguiu-se logicamente a revolta democratica — os vencidos de 5 de Dezembro — revolta que foi dominada justamente por esses elementos monarchicos.

Sr. João Tamagnini, sidonista, até nisto respeitaram a memoria do Presidente.

Depois, mas quasi simultaneamente, proclamou-se a Monarquia do Norte e finalmente foi Monsanto. Incursões, Monarquia do Norte e Monsanto foram gestos de soldados mais do que de politicos.

Monsanto, sr. João Tamagnini Barbosa, foi revolta, foi loucura, foi tudo menos traição.

O sr. sabe-o perfeitamente, o sr. sabia, como declara, o que se passava.

E' que foram dias seguidos, muitos, dias á luz do sol de Portugal, no quartel do regimento de Cavalalaria, Lanceiros n.º 2, ao lado do Palácio de Belem, e depois de muitas conversas, em que o sr. entrou, e até da hora da saída para Monsanto, das duas unidades ali aquarteladas, o Governo foi avisado.

Assim foi então.

Hoje sossegue. Não tenha apreensões, e ouça: Entre a minha noção da Patria, Dever, Lealdade, que é a de todos aqueles que desinteressadamente servem e aquela outra noção que lhe ditou as palavras estridentes, qual clarim a dar o sinal de alarme no acampamento da Politica, palavras «avisadas» vai a distancia que nem a toda a gente é dado medir e separa «os que então se bateram», dum lado e doutro, estoicamente, sem pensar materialmente em filhos nem em mulher, por uma ideia, «daquelles» — eles são tantos já! — que comodamente, espertamente, modernamente, proclamado criminosamente o principio da Igualdade e Fraternidade de que se excluem, se têm sentido, como Deuses no Olimpo, em Bancos e Cadeiras.

Mais, sr. João Tamagnini, amigo que foi e contemporaneo e condiscipulo nas Escolas, o testemunho de mortos não é de evocar e os monarchicos são vencidos. Os monarchicos podem andar de cabeça bem erguida, e assim por terras de Africa e por toda a parte vêm explando o crime da sua firmeza de caracter e portugueses são.

De militar não é insulta-los, mórmente quando o trunfo é espadas desembainhadas no 28 de Maio, nem nem tão pouco lhes fica bem atear odios.

Bem diferentemente foi escrito o artigo do fundo do «Diario de Noticias» de hoje.

Escute sr. João Tamagnini, aos seus sustos respondo eu:

«Numa porta se põe o ramo e na outra se vende o vinho».

Amigo que foi, contemporaneo e condiscipulo nas Escolas.

DELFIN MAIA

BOLSA DE LISBOA

30 de Janeiro

CONTADO

VALORES	Elevado	Comprad.	Vendedor
P. Int. 6 1/2 0/0 1923 O.	896\$00	895\$50	896\$50
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	930\$00	929\$50	132\$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	929\$50	—
P. Ext. 3 0/0 3.ª série...	1.019\$00	1.018\$00	—
Banco Com. de Lisboa.	—	—	—
Banco Lisboa & Açores	—	510\$00	515\$00
Banco de Portugal.....	1.015\$00	1.011\$00	1.016\$00
Banco Port. e Brasileiro	109\$00	109\$00	110\$00
C.ª O. F. de Benguela	1.550\$00	1.548\$00	1.550\$00
C.ª C. F. N. L. 3 0/0 2.ª g.	71\$50	71\$20	71\$40
C.ª das Aguas de Lisboa	—	360\$00	380\$00
C.ª Gaz e Electric. cou.	296\$00	—	296\$00
Soc. Industrial Alliança	195\$00	193\$00	195\$00
C.ª Portugal e Colonias	115\$00	114\$00	115\$00
C.ª Nac. de Navegação	275\$00	275\$00	278\$00
C.ª Tabacos de Portug.	598\$00	595\$00	599\$00
C.ª Portug. de Tabacos	374\$00	374\$00	376\$00
The Match Tobacco T.	—	—	—
E. C.ª.....	69\$00	68\$50	100\$00
A. Tabaqueira.....	498\$00	498\$00	510\$00
J.ª Ambolm.....	122\$00	121\$50	—
C.ª Col. Buzi 1.ª emissão	—	72\$00	75\$00
C.ª Col. Buzi 2.ª emissão	—	70\$50	71\$00
C.ª de Seguros Sagres...	1.150\$00	1.150\$00	1.160\$00
C.ª de Seguros Mundial	430\$00	430\$00	435\$00
C.ª Ilha do Principe...	—	—	—

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA

de Quinta-Feira

por Norberto de Araujo

UM TIPO

Alves Reis foi sempre tido na conta de um homem inteligente. De começo, mesmo, alguns homens atilados disseram: «muito inteligente é este tipo!»

Não porque em materia de intelligencia eu seja um fura paredes, mas «porque sim», eu pensei: «este homem é simplesmente audacioso».

E não passou nunca disto. Alves Reis foi, quando muito, um homem «esperto».

A esperteza é curta. E' mesmo a qualidade mais curta que um homem pode ter.

A esperteza é uma especie de analfabetismo das primeiras letras. Ha tipos iletrados que vão longe, por esperteza. Para este conceito ser rigoroso era necessario «precisar-se» o que é «ir longe».

Os homens espertos, uns «finos», uns «alhos» que vão longe na vida, mas longe rigorosamente, é porque são também inteligentes. O que sucede é que ninguém se apercebe que eles são inteligentes. Supõe-se apenas que são espertos. E daí atribuir-se á esperteza, que é vivacidade, alegria, decisão, mas não é previsão, o triunfo que pertence em exclusivo á intelligencia.

A intelligencia é que distingue o homem superior do animal inferior, irracional, mas muito «esperto».

Alves Reis foi muito «esperto» sempre. Mas nunca passou de um diabo «curto de vistas».

Não nos venham dizer que o ele ter sonhado — se é que sonhou — o sonho de Angola é intelligencia. Quando muito, foi delirio.

O intelligente — não delira.

Alves Reis foi mau.

Ha homens inteligentes maus, mas a verdadeira intelligencia é boa. E' generosa. E' leal.

A intelligencia ligada á maldade — tem-se visto; vê-se todos os dias — parte quasi sempre, segundo os psiquiatras, de um desequilibrio fisico. Seria contingente entrar neste capitulo. Os tipos de defeito ou insuficiencia fisica, por natureza, podem ser inteligentes mas são quasi sempre maus. Mesmo que queiram ser bons. Ou o jurem ser. Será uma revolta da natureza; será. Mas é assim.

Alves Reis é, fisicamente, normal. A sua maldade — não digo malvadez, porque não é um malvado — é por consequencia sinal de incapacidade intelectual. Vamos, em poucas palavras, tentar prová-lo.

Foi mau:

— Porque não duvidou atirar sobre I. Camacho — principalmente — sobre Mota Gomes, sobre F. E. da Silva, sobre Rego Chaves, sobre R. Ulrich, e outros, a accusação de ladrões.

— Porque desnordeou a defeza feita ou a fazer por Cunha e Costa. Porque o enganou. Porque atirou este notavel homem do fóro para a Babilonia dos equívocos, obrigando-o, — ele, Alves Reis, audaciosamente e não intelligentemente — a pecar.

— Porque fez crer ao mundo, á sociedade portuguesa desprevenida, que o meio português, politico e social, era uma miseria. Porque, especulando com os naturais, e aqui e ali, legítimos despeitos contra o Banco de Portugal, não desistia de afirmar, de começo, «eles são os mandatarios».

— Porque deixou estar presos, sa-

bendo-os inocentes, alguns homens, cúmplices inconscientes das suas «alegações», e porque nunca os cobriu com as suas declarações, suficientes a demonstrar a irresponsabilidade ou limitada responsabilidade dos seus agentes.

— Porque «deixou queimar os seus cúmplices».

— Porque desacreditou juizes e magistrados, falsificando, falsificando sempre.

(Cunha e Costa foi vitima de Alves Reis. Ha coisas que um jornalista deve calar, mesmo quando escreve com o seu nome por baixo, e, sobretudo, se se trata de bulir com os mortos. Affirmo: Cunha e Costa foi vitima de Alves Reis).

O que teria feito Alves Reis se não fosse mau — neste sentido em que emprego a palavra maldade e que já ressalvei —, e se fosse intelligente?

Teria dito logo:

«Estão todos inocentes. Eu fui o unico falsario capitular. Eles foram meus agentes. Eu enganei-os enquanto consegui. Os homens do Banco de Portugal e de Angola têm tanto com tudo isto, como eu com o que se passa na China. Alguns dos meus cúmplices, aproveitaram. Já era tarde para retirarem. Outros foram «fracos». O criminoso sou eu... Tome nota, sr. Juiz; tome nota dr. Cunha e Costa; jornalistas, tomem nota. Eu tinha um belo sonho na cabeça...»

E ficava-se no sonho...

Não senhor.

Alves Reis «complicou». Bem sei que de começo houve um juiz (cujo nome não vem ao caso) e que lhe deu animo, sem ser seu cúmplice, claro. Criou ambiente. Fez simpatias. «Muito engraçado é este tipo! Mas que realissimo pandego! E intelligenteissimo, o passaro! E aqui para nós, os do Banco de Portugal, são uns patifes bem bons...». Etc.

Assim Alves Reis passou a heroi. Doesse a quem doesse. Sofresse quem sofresse. Delirou consigo proprio. «O mundo é estúpido. E predisposto para os romances. Eu, afinal, sempre fui alguem».

E — alucinado — teimou.

Teimou para agora confessar, e aliás não o precisava: «tudo falso».

Quere dizer: mal empregado sacrificio e desnorteio de Cunha e Costa, cujos trabalhos eu tenho aqui á vista, e me fazem pena! Mal empregado trabalho da Justiça e advogados! Inuteis anos de prisão de seus cúmplices, que já podiam estar julgados, e, fosse qual fosse a sentença (e nisso não me embrenho) absolutamente quites com o seu destino.

Rasguem-se as minutas de Cunha e Costa. Desfaça-se o trabalho do novel e novo advogado. Que importa? Alves Reis divertiu-se.

Não adiantou um passo para a

sua defeza, mas «divertiu-se imenso».

Criou novos mesquinhos cúmplices, arranjou uma nova teia de fragil linha, que ele proprio rasgou; mais gente para a cadeia, mais complicações, quem sabe se novo adiamento de Juizo. Mas «divertiu-se imenso».

Inocencio Camacho e Mota Gomes foram acusados de ladrões (apesar de Cunha e Costa já vir fazendo marcha atrás), e passariam noites sem dormir; a sorte de José Bandeira (e o seu advogado é Ramada Curto e não eu) tornou-se tenebrosa, quando podia ser simplesmente sombria, de um «gris» atenuado com laivos de claridade; a sua propria mulher sofreu tratos de polé, e tudo isso a tempo se poderia ter evitado para a pobre senhora, de quem eu já escrevi (sem me arrepender, apesar das cartas insultuosas que recebi) que foi simplesmente uma mulher «como muitas» e uma esposa «como raras».

Tudo isto é certo: suspeitas, insultos, calunias, sofismas, reincidencias, rede de complicitades baratas, lagrimas, confusões, lama... Mas «divertiu-se imenso».

Se depois disto se chamar intelligente a Alves Reis é enxovalhar a beleza da palavra intelligencia, e a grandeza dos homens inteligentes, que salvam a sua alma quando não podem logo salvar a sua honra.

Alves Reis foi um «esperto sa-loio», e um homem mau, por deficiencia de razão clara.

Depois das suas ultimas declarações, as minutas dos advogados, de ambas as partes, podem inutilizar-se.

Alves Reis, mais detalhe menos detalhe, mais lei menos lei, foi um «aldrabão» emerito.

Nem sequer se fica com o direito de ter pena dele.

Mas que furia deu hoje ao jornalista contra Alves Reis? — perguntarão algumas pessoas.

Não: Indigna-me o villipendio que caiu sobre o vocabulo «intelligencia»; indigna-me a facilidade com que os espertos audaciosos em Portugal chegam a passar por heróis; indigna-me as desgraças que Alves Reis causou para se defender, sem ter ao menos «coração» para dizer: «olhem que esses pobres diabos estão inocentes. quasi todos, e isto foi assim e assim, e deixem-se de procurar mais criminosos, porque o criminoso autentico fui eu».

E ainda podia acrescentar:

— Era para salvar as colonias... Era «por bem». Era para me divertir.

E acabava-se. O Angola e Metrópole apressar-se-hia e o seu protagonista teria encaminhado Cunha e Costa para uma defeza mais simples, mais humana, e até mais gloriosa.

Assim...

Algumas pessoas dirão: mas o jornalista N. de A. está tratando esta figura — Alves Reis — como se o homem já houvesse sido julgado e condenado.

Também não.

Jornalisticamente o julgamento interessa-me, mas pessoalmente não me é preciso.

E de resto, eu limito-me a escrever depois das ultimas declarações de Alves Reis, sobre as quais traço o meu desabafo.

E' um caso publico.

O resto — o julgamento, as responsabilidades dos co-reus — é com os juizes e um pouco com os advogados. Com os jornalistas será a composição da novela, pelas veridicas fases do julgamento.

Eu não julgo Alves Reis digno de 28 anos de cadeia ou da «liberdade livre». Nem o estou apreciando como o falsario do Angola e Metrópole. Estou-o «vendo» como um tipo do nosso tempo.

Atravessamos uma epoca de sofismas. De aureolas falsas. A aureola de Alves Reis — revolta-me, porque ela fez algumas victimas. Porque ele, mesmo como criminoso de falsificação (o que aliás só interessa ao Banco de Portugal, ao Waterlow e ao Estado), foi um tipo «reles».

Os tipos «reles» afrontam as consciencias.

Houvesse ele sido leal, franco, intelligente, e eu não escreveria uma linha. Lá se avenham os da justiça com ele».

Mas ha alguém que ignore que ha homens que passaram por ladrões e não o foram?

Ha alguém que ignore que, em certa altura, se a opinião publica fizesse julgamento, Alves Reis teria sido endeusado e alguns homens levados ao pótro?

Ha alguém que ignore que ha homens inteligentes, de autentica intelligencia, trabalhadores e até humanamente audaciosos (até onde a audacia é legitima), e morrerem de fome, e que esta «intelligencia» de Alves Reis chegou a ser tida como o tipo de intelligencia da raça?

Ha alguém que ignore que ha criminosos de vulgar e barato delito, cujo primeiro cuidado é declarar-se «aquele está inocente»; foi meu agente, mas não meu cúmplice; e que Alves Reis deixou «entalados» todos, os que eram inocentes e os que eram suspeitos, e que aos cúmplices não lhes limitou, em verdade verdadeira, as responsabilidades?

Ha alguém que ignore que quando saiu um livro de Alves Reis (primeiro de uma série, por tal sinal mal feito), Cunha e Costa pôs as mãos na cabeça, e bradou: «este homem mata-me?» Se o ignoram, affirmo-o eu.

Então um homem «intelligente» para se defender, ou atenuar, explicar ou compôr a historia do seu acto — precisa de enlamear meio mundo, e encher as cadeias de imaginarios cúmplices?

A intelligencia é para isto que serve na vida — e a gente tem de calar-se com «isso», tendo uma pena livre e honrada, que deve servir para mais do que nos agredirmos por «dilettantismo?»

E a Pagina fica encerrada com esta afirmação: «a extensão da historia do Angola e Metrópole só foi possivel, porque em Portugal anda metade da gente á espera de occasião para desacreditar a outra metade».

NORBERTO DE ARAUJO

AUGMENTA 70% O VALOR NUTRITIVO DO LEITE

COCOMALT

A Delicious Food Drink
Chocolate Flavor

QUENTE FRIO

DEPOSITARIOS: REYS & LACERDA, L.^{da} TELEF. C.1296



NUM JORNAL DE S. PAULO

O livro de Bettencourt Rodrigues

"Vinte e oito meses no ministério dos Estrangeiros"

comentado

pelo jornalista brasileiro

Plinio Barreto

O ilustre jornalista brasileiro Plinio Barreto escreveu no *Estado de S. Paulo*, a propósito do ultimo livro do sr. dr. Bettencourt Rodrigues, «Vinte e oito meses no ministério dos Negocios Estrangeiros», o seguinte artigo, que pedimos licença para transcrever:

«De todas as ditaduras que afligem a Europa a menos antipática, porque menos violenta e mais humana, é a ditadura portuguesa. Além disso, é a que tem realizado, efectivamente, uma obra de moralisação administrativa interessante. Ela não me convence de que a ditadura seja uma forma de governo ideal, mas leva-me a reconhecer que, ás vezes, os males que essa forma de governo gera podem ser inferiores aos benefícios que ela produz. Continuo a preferir o regime constitucional, mesmo quando imperfecto e desmoralizado, tal qual existe no Brasil, á mais bela das ditaduras. Não compreendo a vida sem a liberdade de critica e sem o direito de opposição.

Estes sentimentos não me impediram, entretanto, de ler, com a maior simpatia, o livro em que o sr. Bettencourt Rodrigues, nome muito querido nesta casa, relatou o que fez nos vinte e oito meses em que foi ministro dos Negocios Estrangeiros da ditadura portuguesa. Esse livro ele o escreveu precisamente para atenuar um dos males desse regime de excepção, que é o do silencio e da sombra em que transcorrem todos os actos governamentais. Escrevendo-o, declara o sr. Bettencourt Rodrigues, «fiz o que deveriam fazer todos os ministros da Ditadura—darem conta exacta de todos os actos que, como ministros praticaram e suas razões justificativas, não só para os tornarem conhecidos dos que possivelmente os ignorem, mas muito principalmente para os submeterem ao julgamento, em ultima instancia, da opinião publica para que esta sobre eles pronuncie o seu imparcial «verdictum». Considero isto quasi como um dever, quando a acção governativa, por atendíveis circunstancias de momento, se coloca ao abrigo de uma rigorosa fiscalisação, em tempos normais exercida pelo Parlamento e pela imprensa.»

Os pontos essenciaes da politica estrangeira da ditadura portuguesa no periodo em que essa politica foi chefiada pelo sr. Bettencourt Rodrigues são os seguintes: de tima aliança com a Inglaterra; aproximação com a Belgica, com a França, com a Espanha e com todos os povos de lingua espanhola e portuguesa mas muito especialmente com o Brasil. Os resultados da acção do ilustre politico português para a realização desses objectivos foram abundantes e fecundos. Não só a posição de Portugal entre as nações modernas ganhou elevação e solidez como tiveram fim varias pendencias, notadamente com a Espanha, com a Alemanha, com a Belgica, com a Santa Sé e com a Inglaterra que eram de suma importancia, assim politica como economica, para o futuro do país.

Naturalmente a parte do livro que me prendeu mais a atenção foi a consagrada ás relações de Portugal e Brasil. O sr. Bettencourt Rodrigues, cuja independencia de espirito e cuja nobreza de caracter são notorias a quem estude os traços

salientes da sua sedutora personalidade, diz, com franqueza, o que pensa a respeito do problema capital para os dois países, que é o da emigração portuguesa. Começa frisando que essa emigração é a que mais convem ao Brasil—no que estu de pleno accordo com ele e creio que estarão todos os brasileiros. Sucede, apenas, que essa emigração, com ser a mais desejavel, não tem produzido os efeitos beneficios que eram de esperar. E não o tem, explica s. ex.ª porque, até agora, ela não foi bem ordenada e bem orientada. O emigrante de que o Brasil precisa é o trabalhador rural. O português tem, como se sabe, mais, talvez do que outros povos, o gosto dos trabalhos agricolas. Todavia, é relativamente insignificante a contribuição que o emigrante português tem dado á agricultura brasileira. Em geral, ele fica nas cidades e contenta-se com a vida incerta que a cidade lhe proporciona. Parte da sua terra completamente á toa, «sem a menor noção do que sejam as condições de vida e trabalho no Brasil. E, apenas desembarca, logo lhe vem ao encontro um compadre, amigo, ou conterraneo que, dando-lhe do Brasil a curta visão de que só enxergam através do officio ou mistér em que o acaso ali os foi collocando—estivadores, carroceiros, hortelões, vendeiros, etc.—logo de começo os desviam do principal trabalho em que poderia ser mais util a si mesmo e ao Brasil—o amanho e cultivo da terra. Dá-se mesmo este estranho facto, e é que sendo de trabalhadores do campo a grande maioria de emigrantes, nenhum só (estou convencido) conhece as vantagens e proventos no tocante ás concessões de terras, lucros, beneficios de hygiene e assistencias que lhe são garantidos pelos governos estaduais ou pelos grandes proprietários agricolas.»

Para dar cabo desses inconvenientes, propõe o sr. Bettencourt Rodrigues que se organize, anexo ao ministério do Interior, em Portugal, na direcção do departamento de emigração, um serviço de informações destinado a fornecer aos que «por deliberação propria e espontaneamente emigram, um certo numero de instruções practicas sobre a melhor maneira de, no Brasil, empregarem, em proveito proprio e do país que os acolhe, a sua actividade e o seu esforço». Lembra tambem que a esse trabalho de orientação se associem os consulados brasileiros.

O empenho do eminente estadista português não é o de impedir a emigração dos seus conterraneos para o Brasil. Não. A derivação para Angola, aconselhada por muitos em Portugal, parece-lhe um erro funesto. Em Angola, já existe abundancia de braços. Essa abundancia é tão grande que das regiões vizinhas vão buscar ali, frequentemente, levas de trabalhadores. Os portugueses que para lá

fossem em busca de serviço correriam o risco de ficar em condições mais penosas do que as em que se encontravam na terra natal. Ninguém emigra, observa muito bem o sr. Bettencourt Rodrigues, pelo simples prazer de emigrar ou porque ceda a qualquer irreprimivel atavismo de tendencias aventureiras. O português «emigra por este muito simples, mas bem doloroso motivo—fugir á miséria e á fome que inexoravelmente resultam da nossa deficitaria produção cerealifera, que torna o pão cada vez mais caro; da carestia de quasi todos os generos de primeira necessidade; da falta de capitais que lhe utilizem os braços no arroteamento das nossas terras incultas, que representam quasi uma terça parte da nossa area geografica e, finalmente, da insuficiencia dos salarios que, se nestes ultimos tempos têm aumentado, não o têm sido em proporção ao crescente aumento do preço da subsistencia.»

O caminho do Brasil é, não só por estas considerações mas por outras de ordem moral e politica, o que deve ser apontado ao emigrante português. A esse proposito recorda o sr. Bettencourt Rodrigues o conceito de Oliveira Martins de que «se incitassemos os nossos emigrantes a tomarem o caminho de Angola em vez do Brasil, choraríamos amargamente o nosso erro. Teríamos destruído uma obra de seculos, a melhor obra de que reza a nossa historia; teríamos desportuguesado o Brasil, desde que deixassemos de alimentar o progresso da sua população com as infusões de sangue vivo que anualmente lhe enviamos.»

Esta ultima consideração importa muito ao Brasil. Já o notou Silvio Romero, e o sr. Bettencourt Rodrigues apressa-se em recordar essa notação, que, devido á difusão dos portugueses pelo territorio brasileiro desde as mais insospitas zonas até ás mais temperadas regiões, é que o Brasil tem conseguido, sem alterar o genio historico da nacionalidade, manter intacta a sua homogeneidade. Só a infusão de sangue português terá a virtude de evitar a perda dos nossos traços característicos ao contacto dissolvante das outras raças que nos invadem o territorio, todos os anos, em grossos caudais emigratorios.

Em resumo: a emigração portuguesa para o Brasil é vantajosa para ambos os países. O que apenas se impõe é o seguinte: «Desviar os emigrantes portugueses dos grandes centros populosos, onde não são necessarios e onde tendem a acumular-se, e encaminha-los para as uberrimas zonas agricolas, onde, como agentes de produção e povoamento, poderão em melhores condições e com maior proveito, desempenhar o seu papel de verdadeiros colonos.»

As relações comerciais entre Portugal e Brasil demandam, igualmente, uma

revisão completa, de alto a baixo, para que desapareçam os inumeros vicios que presentemente as contaminam. Nem Portugal vende ao Brasil tudo quanto está em condições de lhe vender nem o Brasil exporta para Portugal todos os productos de que podia abastecer-lo. Ha, no commercio entre os dois países, muita coisa que pede reforma. Quando, porém, Portugal não nos pudesse oferecer tão vastos mercados como os de algumas outras nações, haveria, ainda, um meio de se auxiliarem mutuamente os dois países no terreno commercial, e esse meio é a celebração de uma aliança economica. Portugal pôde dar ao Brasil o que nenhuma outra nação lhe poderia dar: «em todos os mares e continentes, desde a costa occidental africana até ao Extremo Oriente, desde o Atlantico ao Indico, os imprescindiveis elementos da sua expansão commercial e do seu desenvolvimento marítimo». Mais ainda: «Nalgumas das nossas colonias, como, por exemplo, Macau, em admiraveis condições geograficas para centro de distribuição de mercadorias no Extremo Oriente, ou numa das ilhas dos Açores, situada em meio caminho, entre a Europa e a America do Norte, e excelente ponto de ligação, pelo canal do Panamá, entre o Atlantico e o Pacifico, poderíamos estabelecer, com todas as necessarias instalações navais, vastos interpostos comerciais de productos similares portugueses e brasileiros, nos moldes de uma aliança economica, como a que já em tempo lembraram os drs. Alberto de Oliveira e Veiga Simões para a borracha e o cacau e que Freire de Andrade desejaria se tornasse extensiva a outros productos coloniais.»

Não ha nessas ideias, evidentemente, muita coisa digna de estudo? Não se descortina, através dessas sugestões sedutoras, um brilhante futuro commercial para os dois países e, principalmente, para o Brasil?

As alianças mercantis estão, hoje, na ordem do dia. As convenções economicas já se celebram até entre ferozes inimigos da vespéra. Porque, exactamente entre dois países da mesma lingua, da mesma formação moral, das mesmas tradições, seria impossivel uma coordenação de esforços para desenvolvimento e protecção da vida economica de ambos?

A mim me parece que se os politicos olhassem um pouco para o dia de amanhã e se preocupassem com o porvir dos seus países e não, apenas, com os interesses momentaneos das agremiações partidarias a que pertencem, o programa de acção esboçado pelo sr. Bettencourt Rodrigues, um dos raros idealistas tremalhados na politica, entraria imediatamente em estudos nas repartições tecnicas do governo brasileiro. Mas os politicos do Brasil só cuidam, neste momento, da sucessão presidencial. A Aliança Liberal dá mais cuidados ao nosso governo que todas as alianças economicas...

Tempo ha de vir, porém, espero-o, em que as ideias do sr. Bettencourt Rodrigues encontrem, no Brasil, nas zonas governamentais, quem lhes dê atenção e as estude com amor. As sucessões presidenciais não são quotidianas e as gerações de politicos não são imutaveis...

PLINIO BARRETO

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro de Acacio de Paiva

"Fabulas e Historietas"

Um bocadinho pingado
O Bento, saloio rico,
Regressava do mercado
Esporeando o gerico.

Fizera com certo socio,
Que tinha loja na aldeia,
Um excelente negocio,
Dos chamados de mão chela.

E levava na algibeira,
Muito atada com cordeis,
Uma sebenta carteira
Com quatro contos de réis.

Ia todo satisfeito,
Quando junto dum pinhal
Avista um vulto suspeito,
De espingarda e de punhal.

— «Ai! Jesus! Um salteador!
(Diz o Bento) Que desgraça!
«Valha-me Nosso Senhor!
«Fico sem vida e sem massa!»

E, para o burro: — «Burrinho!
«Meu amado companheiro!
«Anda depressa o caminho!
«Fujamos do ratoneiro!»

— «Por que razão?» — «Pois não vês
«Que é capaz de te roubar?
«Para que tens quatro pés?
«Não andes tão devagar!»

Pensou o bruto um momento
E perguntou: — «Os ladrões,
«Caro amigo e patrão Bento,
«Põem-me dois albardões?»

— «Essa agora não é má!
«Não põem, suponho eu!»
— «Então tanto se me dá
«Ser deles como ser teu.»

O burro efectivamente
Passou ás mãos do bandido.
Come bem, anda contente
E está muito mais nutrido.

Entre meninas

— «Ai, que linda bonequinha
«E que bem vestida está!
«Dá licença, pois não dá,
«Que ela brinque com a minha?»

— «Com essa mona? Isso sim!
«Também é muito bonita
«Mas traz vestidos de chita
«E o desta é seda e setim.»

— «Quem o fez? Quem o coseu?»
— «Eu sei lá! Que disparate!
«Foi um qualquer alfaiate.»
— «Pois o da minha, fui eu!»

— «E quanto vale?» — «Um milhão,
«Não ha dinheiro que valha
«O suor de quem trabalha
«Com alma, com coração.»

— «Nesse caso, aqui a tem,
«Vão brincar.» — «Obrigadinha,
«Afim, mesmo sózinha,
«Também brinca muito bem.»

De França

A' Amelia o primo Luís:
— «Já tenho mais uma irmã,
«Mandou-a vir de Paris
«A minha rica mamã.»

— «E' bonita?» — «E' muito feia.
«E' careca e desdentada.
«E' um monstro! Faze ideia
«Que até parece encarnada!»

— «E fala assim como a gente?»
— «Só diz *Un* muita vez.
«Aquilo provavelmente,
E' qualquer coisa em francês.

«Contudo, sempre entrem.»
— «E eu, Luís, sem ter nenhuma!
«Vou pedir á minha mãe
«Que mande vir também uma.»

TRANSCREVEM-SE

alguns trechos

Acacio de Paiva é, sem favor, um dos melhores poetas do nosso tempo. Os seus versos, duma simplicidade encantadora, que só os mestres conseguem alcançar, andavam dispersos em varias publicações, sem que o autor se resolvesse a dá-los definitivamente á estampa.

Os seus admiradores, porém, não descansaram enquanto não convenceram Acacio de Paiva a publicar em volume algumas das suas composições poeticas, que constituem outras tantas obras-primas.

O volume appareceu agora. Intitula-se «Fabulas e Historietas» e é illustrado pelo lapis modernista de Vasco Lopes de Mendonça.

O Diario de Lisboa honra-se transcrevendo ao acaso algumas dessas composições, que constituem leitura amena e saudavel, não só para adultos, como também para crianças, ás quais se destina principalmente o adoravel livrinho de Acacio de Paiva.



ACACIO DE PAIVA

— «Ai, não lhe peças! A minha
«Adoeceu de tal sorte,
«Com o susto, coitadinha,
«Que esteve ás portas da morte!»

— «Pois ela pode morrer?
«Dou o dito por não dito.
«Que desgraça deve ser
«Perder os pais, Luisito!»

— «Chorei tanto!» — «Com razão.»
— «Porém hoje estou-me a rir
«Porque tão grande aflição
«Não se pode repetir.»

— «Essa agora é divertida!
«Quem disse?» — «Disse-mo ela.
«Está muito arrependida
«E não cai noutra esparrela!...»

«Bem, Adeus.» — «Adeus rapaz,
«Dispõe de mim com franqueza.
«Saudades aos teus papás
«E um beijo á prima francesa.»

A gata e a boneca

Tinha a menina Lólo
Uma sabia bonequita:
Aquilo, bastava só
Puxar a gente uma guita
Que lhe pendia por trás,
Sob o vestido de lá,
Para abrir a bôca e — zás!
Dizer papá e mamã!
Ora, a Lólo também tinha
Uma gata (era maltesa)
Essa, porém, coitadinha,
Era muda, com certeza.
Mfava, apenas: mais nada:

De maneira que a pequena
Andava desanimada,
Até chorava com pena!
Um dia pensou: — «Talvez
«A doença tenha cura...»
(A doença era a mudez
Da citada criatura.)
«Se o mesmo fizer á gata
«Que á mona, quem sabe lá
«Se a lingua se lhe desata
«E diz mamã e papá?»
Dito e feito. A pequerrucha,
Quando a bichana dormia,
Puxou-lhe a cauda gorducha,
Negra, brilhante e macia.
Dois saltos fenomenais,
Uma forte arranhadela
...E quem chamou pelos pais
Não foi a gata — foi ela!
Desde então Lólo, se passa
Ao pé dum gato ou dum cão,
Não lhes toca nem por graça,
Pois lhe serviu a lição.
Não compreende, porém,
Qual venha a ser, afinal,
A serventia que tem
A cauda dum animal...

A lagarta e a borboleta

Saltitando em seu jardim
Viú Néné uma lagarta
Pequenina, branca, farta,
Lustrosa com setim.

— «Que nójo!» disse a Néné
Ao irmão, que era mais velho.
E, sem lhe pedir conselho,
Esmagou-a com o pé.

Pouco depois, viu poisada
Numa flor de violeta
Uma airosa borboleta
De asa ligeira e doirada.

— «Que linda!» disse ela então.
«Quizera guardá-la bem...»
— «Porque a não matas também?»
Ouviu dizer ao irmão.

— «Porque é bonita, graciosa;
«Se a matasse, era pecado.»
— «Sim, Néné? Pois há bocado
«Mataste outra mariposa.»

— «Era lagarta.» — «E' verdade.
«E a borboleta que é?
«Uma lagarta, Néné,
«Na sua maioridade.»

Explicou mais o sujeito,
De maneira que a pequena
Ficou com imensa pena
Pelo acto que tinha feito.

O conto não tem moral;
Mas ha quem dele deduza
Que é coisa muito confusa
Isto do bem e do mal.

Muito riso, pouco siso

Ria de tudo o petiz;
Se via, principalmente,
Alguem quebrar o nariz,
Ficava todo contente,
Ficava todo feliz.

A mãe ralhava, zangada
Por essa falta de siso,
Mas não lhe valia nada;
Tinha a mania do riso,
O sestro da gargalhada.

Uma vez, indo a fugir
E embicando no bichano
Que o fez de costas cair,
Foi fazer queixa do mano
Porque o mano pôs-se a rir.

— «E' claro que não fez bem;
(Disse a mãe) porém você
«Quando vê cair alguem,
«Quando estendido alguem vê
«Não se põe a rir também?»

Desde esse dia, o miúdo,
Se vê alguem tropeçar,
Corre a acudir, deixa tudo
Para esse alguem levantar
E fica muito sisudo...

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada — BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde: Rua do Comercio — LISBOA

Capital Realizado: Esc. 50.000.000\$00

Reservas: Esc. 50.800.000\$00

Filiais e Agencias no Continente — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Miranda, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

Madeira-Funchal. — **Açores.** Angra do Heroismo e Ponta Delgada, — **Cabo Verde.** S. Vicente e S. Tiago. — **S. Tomé-Príncipe** — **Guiné-Bissau** e **Bolama.**

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga: BANCO DE ANGOLA, com Filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango) e Kinshassa (Congo Belga).

Africa Oriental-Beira (Agencia), Banco da Beira, Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane e Ibo. — **India** — Bombaim, Mormugão e Nova Goa. — **China** — Macau. — **Timor** — Dili. — **Brasil** — Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará e Manaus. — **Inglaterra** — Londres. — **França** — Paris. — **Estados-Unidos da America** — Agencia em New-York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes países estrangeiros.

Cofres fortes para alugar

Trata Agencia Ricardo Henriques, Rua das Pedras Negras, 13.—Telef. C. 1936.

COM VISTA A' C. P.

UM alvitre

que parece aceitavel...

«Sr. Director:—E' de lastimar que possuindo Lisboa varias estações ferroviarias, algumas delas de grande importancia, como principalmente Campolide e Braço de Prata, essas estações não sejam acessiveis pelas linhas dos electricos e pelos taxis.

E seria relativamente tão facil!

Bastaria derrubar um muro que veda umas terras incultas no prolongamento da Rua General Taborda, para tornar possivel o acesso áquella estação, que passaria a servir uma area enorme e muito populosa e que descongestionaria imenso a estação do Rossio. Lastimo e admiro-me porque isto ainda se não fez.

Na de Santa Apollonia, era de grande necessidade uma linha que partindo do Largo dos Caminhos de Ferro, subindo ao Bairro Operario, entroncasse em Sapadores, indo até á Penha de França.

A linha electrica do Poço do Bispo podia muito bem chegar á estação de Braço de Prata.

E, por ultimo, enquanto se não constroem a decantada estação de Entre-Campos, do Rêgo, do Arleiro ou do Campo Grande, todos os comboios ascendentes e descendentes, deveriam para no actual apeadeiro de Entre-Campos. Isto descongestionaria bastante a estação do Rossio.

Em vez de desafrontar a estação de Campolide, arrasando um monticulo que pega ás manobras, fazendo o assentamento de mais linhas naquella local e diligenciando que ella se torne acessivel, a C. P. transferiu os passageiros de Oeste para a longinqua estação de Alcantara.—De V. etc.—Eduardo Ferreira de Almeida.

A opera «Crisfal» no Teatro Nacional

Tudo se prepara para que a proxima audição da opera «Crisfal», poema de Afonso Lopes Vieira e musica do maestro Rui Coelho, que no proximo domingo se realiza no Teatro Nacional, resulte brilhantissima, e mais profundamente nacional, do que a representação dada ha dez anos no Teatro de S. Carlos, em italiano, por isso que, sendo a opera cantada pela primeira vez em português, o publico poderá sentir toda a significação do poema na comunhão musical.

Antes da representação da opera será dada em primeira audição uma nova serie de «lieder» de Rui Coelho, sobre as mais formosas poesias de D. Sancho I, D. Denis, Bernardim Ribeiro, Rodrigues Lobo, que serão interpretadas por D. Arminda Correia.

A festa será iniciada brilhantemente com uma conferencia dita por um distinto conhecedor da nossa literatura, dr. Magnu Bergstrom, que apresentará um belo estudo sobre esse motivo nacional, de forma a marcar o ambiente do «Crisfal».

Uma tarde bem passada

Mais um belo espectáculo para crianças se realiza amanhã no Coliseu, onde, por ser dia feriado, ha uma encantadora «matinée», com palhaços, «faz-tudo», andes, voadoras, bailarinas, acrobatas excentricos, maravilhosos numeros de fusonismo, uma descomunal farçada pelos celebres ciclistas comicos, figuras olimpicas, exercicios de equilibrio e joglagem em arame oscilante, trabalhos de força pelo colosso Bunter, e outras magnificas diversões.

E' uma tarde bem passada e que implica pouca despesa, visto que só pagam os adultos, tendo as crianças entrada gratuita.

Aos caridosos leitores

Antonio Dias, velho tipografo, viuvo, encontra-se numa situação extremamente angustiosa—doente, sem trabalho, e com uma filha de 13 anos, muito doente, a seu cargo.

Não tendo que comer nem que vestir e estando prestes a ficarem sem o quarto onde vivem—por falta de pagamento—apelam para o bondoso coração dos nossos leitores pedindo-lhes alguma roupa para se agasalharem e alguns recursos. Além dos donativos que receberemos neste jornal, Antonio Dias pode ser socorrido, directamente, na sua residencia, rua da Barroca 127, 3.º

O DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Figueira da Foz—Tabacaria Malafaia—Bairro Novo.

POLITICA BRASILEIRA

A eleição presidencial e a crise do café

Ex.^{mo} Sr. Carvalho Neves—No «Diário de Lisboa», de 23 do corrente, deparei com um artigo, da autoria de V. Ex.^a, sobre o proximo pleito presidencial no meu país. Agradeço-lhe, inicialmente, o interesse que ainda hoje dedica por tudo que ali ocorre, produto da sua velha amizade pela minha terra. E recordo, aqui, a estada de V. Ex.^a no Brasil, como Adido Commercial junto á Embaixada de Portugal, em cujo posto pôde exercer com intelligencia e assiduidade toda a sua patriótica actividade, ligando o seu nome a muitas das conquistas então realizadas, dentro da missão que lhe confiara o honrado Governo da Nação de que é digno filho.

No artigo de V. Ex.^a vem inserta a seguinte afirmação: «... mas nos proprios Estados que apoiam o Presidente de S. Paulo ha elementos valiosos de opposição, notadamente neste mesmo Estado, onde o descontentamento publico é grande, em virtude de se atribuir ao actual Governo a má politica que conduziu ao «tremendo Krak» do café.

A tal ponto subiu esse descontentamento que não seria surpresa alguma ver derrotado nas urnas o dr. Julio Prestes no proprio Estado de que é filho e Presidente.»

O «tremendo Krak» a que V. Ex.^a allude assim se explica: Acompanhando o movimento, universalmente observado, de baixa nos preços das mercadorias de consumo, grande numero de produtos brasileiros, inclusivé o café, baixou. O valor do volume da exportação está afectando, tambem, embora ligeiramente, o cambio, mas o mesmo aconteceu em quasi toda a America, como revela particularmente o recente fechamento da Caixa da Conversão de um dos principais países do Continente.

Talvez tenha sido o Brasil o menos afectado com a crise, que em hipotese alguma pode ser tremenda, graças á nossa posição em face do mercado ouro, pois dispomos neste momento de 31 e 1/2 milhões de esterlinos, sendo 21 e 1/2 da Caixa de Amortização. Essa reserva consideravel, constituída pelo actual e patriótico Governo, pode responder, em qualquer terreno, pelas mais prementes necessidades e isto dentro do espaço minimo de dois anos, não havendo, pois, razão para supormos que o país atravessa uma crise irremovivel, tanto assim que o proprio café permitirá regularizar a situação, dentro ainda deste ano.

Nos Armazens Reguladores existem, actualmente, 19 milhões de sacas de café e a exportação, apesar do declinio registado, continua a ser de um milhão de sacas por mês, o que importa afirmar, cus dentro de seis a sete meses o stock estará reduzido a doze ou treze milhões. A safra de 1930/31, conforme indicação segura das floradas nos centros produtores é devido ao abandono de velhas zonas de cultivo, é estimada, no maximo, em oito a nove milhões de sacas, formando com o stock para abastecimento, já existente, cerca de 21 milhões.

A produção de café em outros países, marca um declinio analogo, não devendo exceder a produção de todos eles, em 1930/31, de cinco e seis milhões, formando o total universal de 26 a 27 milhões, para o consumo mundial calculado em 24 milhões. Verifica-se, pois, que o excesso da produção universal não irá além de 3 milhões.

São Paulo, que foi o centro mais afectado com a retenção da exportação do café, graças á clarividente actuação do Chefe da Nação e do eminente Presidente dr. Julio Prestes, já está normalizando a situação do trabalho agricola e toda a actividade industrial, com aplausos un-

nimes de todos os interessados e do Brasil inteiro.

Só a opposição poderá atribuir ao Presidente Julio Prestes qualquer responsabilidade na crise, felizmente passageira, observada no mercado do café. Essa crise teve a sua influencia sobre todos ou quasi todos os produtos da nossa exportação e o meu país não foi, nesse terreno, uma excepção. Outros sofreram mais e mais dificuldades terão em normalisar a situação. Não creia, Ex.^{mo} Senhor, nos boatos opposicionistas veiculados do Brasil para cá. Dentro do seu Estado e no proximo dia 1 de Março o Presidente Julio Prestes conquistará uma verdadeira consagração reunindo em torno do seu nome uma votação superior áquella concedida a outros candidatos, tambem filhos de São Paulo, ao supremo posto da Republica.

Quando á emigração, aqui terá V. Ex.^a o pensamento do Presidente Julio Prestes: «O problema da emigração deve ser encarado, principalmente sob o ponto de vista de formação da nacionalidade, antes que o seja como o de braços para a produção. Pela nossa Constituição, pelas nossas leis e pelas nossas autoridades, todo o estrangeiro sente no Brasil as mesmas garantias de direito, que são dadas aos nacionais. Com essas garantias numa terra nova e fecunda como a nossa, é preciso que o emigrante corresponda á nossa hospitalidade.

O Brasil oferece condições de vida, de bem-estar e de prosperidade, como nenhum outro país do mundo. Encarando por isso mesmo o volume das correntes emigratorias que nos procuram e dando-lhes as garantias necessarias de hygiene, de instrução, de policia, de justiça, de tranquillidade moral e economica, devemos exigir, por nossa vez, que o emigrante traga as condições de adaptabilidade ao nosso meio, de respeito ás nossas leis e ás nossas autoridades, e que garanta, pelas suas condições morais e fisicas, não só o trabalho, com que possa engrandecer a nação, como a continuidade e a perfeição da raça que formamos.

«Não temos receio de absorção estrangeira, mas devemos ter cautelas necessarias no estudo das raças que recebemos, para que a nossa Patria continue a manter o mesmo grau de civilização a que atingiu.»

O facto de ter sido o eminente Presidente do Rio Grande do Sul recebido festivamente em São Paulo serve apenas para provar que o Brasil vai progredindo imenso em politica.

E se pensarmos que o candidato á vice-presidencia, companheiro de chapa do Presidente Julio Prestes, quando tomou conhecimento da viagem que o candidato adversario pretendia realizar pelo norte do Brasil prontificou-se, como Governador da Bahia, a recebe-lo oficialmente e a hospeda-lo na propria Casa do Governo, chegaremos á conclusão de que o meu país caminha na vanguarda das nações civilizadas, havendo um culto especial pela vontade do povo, cuja soberania todos os homens de Governo devem respeitar.

Apesar dos pesares e das afirmações opposicionistas em contrario, as urnas de 10 de Março decidirão sobre quem será o successor do actual Presidente da Republica. Este, como Chefe de Estado, vai apenas dirigindo o pleito, para que haja a maior liberdade. V. Ex.^a confessa mesmo este facto, aludindo á leitura da plataforma do Candidato adversario, na praça publica, perante cem mil pessoas!

Com toda a consideração—De V. Ex.^a, Mt.^o At.^o e Vnr.—Adhemar de Mello.

A VIDA MODERNA

UM menino

que nasceu nas nuvens...

Uma dama da America Nordica: Mrs. Evans, havendo concebido classicamente pelas formas naturais, e, decêntes, segundo o código, necessitou dar ao perdido mundo um cidadãozinho, mas subleuada; entre céu e terra. Grossa e oscilante, fretou em Miami um aeroplano, a tempo feliz; fez-se acompanhar de fisicos, e, com os sofrimentos regulares á mãe do aedo Homero, a 1.200 pés do solo, deu á luz, nas nuvens, uma robusta criança. Eis um menino do ar!... Um menino sem patria; um cidadão do mundo?... Que sabemos... A que país pertencerá? Pairar sobre um país é estar adentro das suas fronteiras? Mas, até que altura, entre os cumes celestes e as nações delimitadas? E' um caso internacional da maior importancia, mas de difficil execução. Seria esta dama simplesmente caprichenta, indo dar á luz, estremeada pelo motor, entre as nuvens perigosas? Não será ella um ente de largas vistas, fazendo-se assim erguer com o seu fruto, para mostrar aos homens a debilidade do patriotismo? Mas como?... E a convenção?... Um entesinho que uma mãe inglesa deponha no casco instavel de uma galera chinesa, agitada pela onda tempestuosa do oceano, fica sendo mongolico. Que a barba lhe cresça ruivacenta, que os olhos rutilem azuis, será, por lei, chinês. O que acontecerá com o menino das nuvens? Deverá ser um problema muito complicado, e, por tal mesmo, facil. O aeroplano sendo americano, será o menino americano. Mas como os Estados Unidos possuem muito poucos americanos, mas, muitos siriacos, armenios, javaneses, irlandeses, ciscassianos, malteses, cretanos... ainda por naturalizar, pode a criança, filha de uma mãe fahosamente saxonica, vir a ser malaguenha. O estorvo está sempre no objecto que transporta; no feixe de tábuas que são aeroplanos e galeras.

Se um grande espirito animou esta parturiente a mostrar aos homens que o patriotismo é o mais cruel absurdo, pois é a causa da guerra, do odio, da concupiscencia, da diplomacia, da barafunda linguistica... é ella dum grande valor. De resto, as mulheres possuem mais sizo do que os homens: são raras vezes patriotas, profetas... Foi preciso um homem: Monroe, para proferir uma insensatez: «A America para os americanos». Qualquer americana pergunta sempre: «Mas, quem são os americanos?... Os Peles Vermelhas, cujas tribus existem sómente para paradas de certames?». Sim, porque é frequente verem-se hoje esses indios, amolecidos e perfeitamente europeizados, quando ha mascaradas tradicionais, saírem, armados de penas policromas, não das tendas nomadas mas dos escritorios, fingindo que vão nús; tiritando... Alguns, com bigode e oculos, pela sua civilização.

Mas o Menino das Nuvens, vagindo monstruoso como um sapo, nos ares frios? Que vantagens terá? Ser celebre? Não. Outros meninos vão, em breve, ser dados á luz, entre céu e terra. Nascer, «assim ou assado», não importa. O que importa é saber-se como se viverá. Vivará o neofito das nuvens como todos os homens, com o seu tubo digestivo, com as suas fraquezas que o tornarão debil, com as suas virtudes que o farão infeliz, com as suas ousadias que lhe darão perigo? Será um homem tão pobre, tão «pouca cousa», tão desditoso, como tudo que vive para caducar, sofrer, adoecer e morrer. Nascer no ar ou no chão não tem a menor importancia. Se no ar se morrer, pesadamente se cairá no solo ou no mar, onde, ou nos afundaremos ou boiaremos depois, para apodrecer numa praia. O elemento do Homem é a Terra, imersa ou submersa. E' por tal que os homens caem tão facilmente das nuvens. E, porque falam do Céu?... Porque se esquecem que vieram do azote, do mar, cujo fundo é... a Terra.

Jaime de Balsemão

Liquidação de

Casacos de peles

a Esc. 900\$00, 950\$00, 980\$00, 1.200\$00, 1.500\$00, 1.800\$00, etc.

POMPADOUR Casa de Espartilhos e Cintas 28-CHIADO-30

Quer a sorte grande? Habilite-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

Sortes grandes? só o PINA as vende 75—Rua de S. Paulo—77

O DIÁRIO DE LISBOA vende-se no Porto, A. Dias Pereira & C.^a, Praça da Liberdade.

GIMNASIO Telef. T 914
Companhia LUCILIA-ERICO
HOJE—A's 9 1/2
A representação da comédia em 3 actos
de BERR & VERNEUIL, tradução de
ALVARO DE ANDRADE
EU E ELA

Chá das cinco

Trincheiras

Pelo título deste «chá» parece que vou falar de guerra, mas tenho uma intenção muito mais mesquinha, — vou falar apenas duns casacos que os homens agora usam e que, segundo me dizem, se chamam «trincheiras».

Nunca vi moda mais feia. Os vestidos das senhoras são tantas vezes criticados que não é muito que nos seja permitido, uma vez ou outra, dar a nossa opinião sobre o fato masculino.

Estes casacos parecem «batas» de enfermeiros, já um pouco enxada. Não sei qual é a sua cor primitiva, a que fica é um branco indeciso, que faz frio nestes dias de inverno, e ninguém acredita que semelhantes casacos resguardem da chuva ou sirvam de agasalho.

As «gabardines» eram muito superiores em elegância e aspecto mas, quando a moda quer, os homens obedecem exactamente como as mulheres. É a única tirania que não se discute e a que todos se sujeitam gostosamente.

E deste modo (ou desta moda) a Baixa, a certa hora, parece um colégio de meninos turbulentos que vêm para o recreio com o bibe sujo.

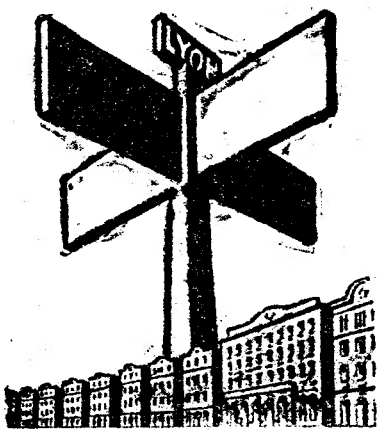
MARIA DE CARVALHO



RUA SERPA PINTO (AO CHIADO)

DRINK DRINK DRINK DRINK
DRINK DRINK DRINK DRINK
DRINK DRINK DRINK DRINK
DRINK DRINK DRINK DRINK
DRINK DRINK DRINK DRINK
DRINK DRINK DRINK DRINK
DRINK DRINK DRINK DRINK
DRINK DRINK DRINK DRINK

Como de costume nos anos anteriores, não se publica amanhã o «Diário de Lisboa», encontrando-se fechados os nossos escritórios e oficinas.



V. Ex. compra produtos franceses

Venha escolhe-los

FEIRA DE LYON
de 3 a 16 de Março de 1930

Semana da Maquina Agricola
de 11 a 16 de Março de 1930

Catalogo dos Expositores

700 Paginas, franco: 12 francos franceses

Facilidades de Viagem, de alojamento e de entrada
na Feira — Peça o «Guia do Comprador» (Editado em 15 linguas) á

FOIRE DE LYON, Service Propag.
Rue Ménestrier LYON (France)

A Cidade

A LEI DO INQUILINATO

O AUMENTO das rendas na linha de Cascais é exagerado e incomportavel

«Sr. Director:—no numero de ontem do seu conceituado jornal vem focado um caso da mais palpitante actualidade—o do inquilinato nas praias, termas e campos—que interessa a muitas centenas de familias que, por motivos de ordem varia, a maior parte das vezes por sagrados motivos de saúde precisam de habitar uma parte do ano nas praias, termas ou campos como por exemplo nas praias e campos dos arredores de Lisboa.

O decreto 15.289, de 30 de Março de 1928, foi acolhido pelos senhorios respectivos com o mais vivo alvoroço e, em toda a linha de Cascais se tem notado a tendencia para o aumento descrecionario das rendas das casas de habitação em 60, 70, 80, 90 e 100 vezes mais do que as rendas de 1914, quando todos os senhorios de Lisboa, bem mais sobrecarregados do que aqueles com os encargos que sobre os seus predios incidem, não podem exigir mais de 10 vezes o montante daquelas rendas.

Em Parede, Carcavelos, Estoril, etc. casas com mela duzia de divisões que em 1914 estavam arrendadas por 10\$00 mensais, ou menos, e cuja conservação foi absolutamente desprezada pelos respectivos senhorios de então para cá, estão hoje sujeitas ás exorbitantes rendas de 600\$00, 700\$00, 800\$00, 900\$00 e mais, por cada mês, e muitas delas quasi que inabitaveis no inverno, dado o despreço a que os seus senhorios as votaram.

O que um tal abuso significa só o pode avaliar quem, por necessidade de curas de ares ou de banhos de mar ou de sol, se vê obrigado a manter a sua residencia durante uma parte do ano—a propria para aquele fim—naquelas localidades, onde uma casa de infima construção, e em mau estado de conservação custa hoje mais cara do que casa bem melhor nas Avenidas Novas de Lisboa!

Muitos dos inquilinos que á data do Decreto 15.289 habitavam já habitualmente nas referidas localidades durante a época propria para as curas atraz referidas, sujeitaram-se em hora contragidos e indignados, ás inqualificaveis exigencias dos seus senhorios e passaram a pagar entre 80 e 100 vezes mais, ou mais ainda, as rendas de 1914.

Outros, porém, reagiram e passaram a depositar as suas rendas actualizadas pela applicação do coeeficiente 10—que é o maximo imposto obrigatoriamente pela lei.

Surgiram, então, varias acções de despejo, propostas pelos senhorios com o fundamento na falta de pagamento das exorbitantes rendas que aos seus inquilinos pretendiam arbitrariamente impôr.

E já ha na Boa-Hora algumas acções de despejo julgadas procedentes com tal fundamento.

Salvo o respeito devido pelos illustres Magistrados que assim têm julgado, parece-me que suas Ex.ªs têm enveredado por caminho errado.

Note-se o seguinte:

A renda faz parte integrante do contrato de arrendamento. Portanto, depende, como este, do consentimento de ambos os contraentes. É a regra geral dos contratos.

As circunstancias anormais resultantes da Grande Guerra levando primeiro o legislador a impôr limites ás rendas das casas de habitação levaram, depois, o mesmo legislador a permitir os aumentos dessas rendas, dentro de certos limites.

Exames no Conservatorio

Os alunos externos que pretendam ser admitidos a exame ou transitar de ano no Conservatorio Nacional de Musica podem fazer a sua matricula de 1 de Fevereiro a 31 de Março.

E, então, foi imposta aos arrendatarios a obrigação de se sujeitarem aos aumentos das rendas até aos limites marcados na lei.

A lei 1662, de 22 de Setembro de 1924, determinou que o aumento legal, depois de notificado ao inquilino, ficava fazendo parte integrante da renda e o Decreto 15.289, de 30 de Março de 1928, no seu artigo 27, quanto ao aumento consequente da applicação do coeeficiente 10, determinou que esse aumento era obrigatorio para os inquilinos independentemente de notificação a partir da renda de Maio daquele ano.

Portanto, e por força expressa da lei todos os inquilinos ficaram, desde logo sujeitos a tal aumento.

Era a lei que o impunha, havia que acatal-o como fazendo parte da renda.

E assim—salvo accordo em contrario de senhorios e inquilinos—as rendas das casas, em geral, passaram a ser, por força do Decreto 15.289 e a partir das relativas ao mês de Maio desse ano, as resultantes da multiplicação pelo coeeficiente 10, das rendas, ou melhor, do rendimento illiquido dessas casas em 1914.

Desde que, pois, os inquilinos paguem ou depositem legalmente as rendas assim actualizadas—e seja qual for a situação das suas casas—não faltam ao pagamento da renda, não dando, por isso, lugar a despejo com tal fundamento.

O artigo 29 do mesmo Decreto que se invoca como dando aos senhorios das praias termas e campos «liberdade absoluta» para elevarem as suas rendas, quando as casas não sejam occupadas todo o ano pelo mesmo inquilino, não contém providencia igual á do artigo 27 desse Decreto nem á do paragrafo 3.º do artigo 10 da Lei 1662 que impunham aos arrendatarios com arrendamentos em curso como fazendo parte integrante das rendas, os aumentos a que essas disposições legais se referem.

Portanto, a simples vontade dos senhorios não pode legalmente alterar a renda legal ou contratual e, desde que assim é—e são esses os principios—a renda já estabelecida em contratos anteriores ainda em curso, elevada ao coeeficiente maximo da lei, continua a ser a renda exigivel, enquanto os inquilinos não acordarem no contrario.

Por falta de pagamento de renda não podem, pois, vingar—e decerto não vingarão nos Tribunals Superiores—as acções de despejo propostas com o fundamento de não quererem os inquilinos sujeitar-se ás exigencias dos senhorios, além do limite legal.

E não será precisa uma lei interpretativa para isto firmar. Basta que se interprete a lei nos Tribunals á luz dos principios. Nada mais.

Mas o que é mais estranhavel ainda é que, tendo muitos senhorios da linha de Cascais, por exemplo, acordado com os respectivos inquilinos aumentos determinados das rendas após e em cumprimento do Decreto 15.289 e passado a receber voluntariamente essas rendas durante um ou mais meses, os mesmos senhorios, contravindo o assim acordado, viessem, depois exigir rendas exorbitantemente superiores mesmo a dentro do periodo dos arrendamentos ou suas prorrogações, estando alguns dos srs. Juizes da Boa-Hora a dar-lhes razão!

Não pode ser. Ha que encarar a questão por prisma diferente. Ha que acatar os principios (Ver continuacão na 16.ª página)

Donativo á Misericordia

Dois portugueses que residem fora do país e que foram contemplados com a sorte grande do Natal entregaram como donativo á Misericordia de Lisboa a quantia de 15.000\$00.

JOIAS-PRATAS
VERRERIES DE
LALIQUE
MIRANDA & F.
LISBOA
PORTO

Pelos teatros

Estor Leão no Apolo

Reaparece hoje, no Apolo, a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, que ali vai realizar uma temporada com peças em harmonia com as velhas tradições desta popular casa de espectaculos. A sua estreia, esta noite, realiza-se com a peça «Os Fidalgos da Casa Mourisca» que, representada recentemente no Porto, mereceu da critica as seguintes palavras:

«Os Fidalgos da Casa Mourisca» forma, com a «Morgadilha de Vale Flor» e «O Amor de Perdição», a trindade mais enternecedora, emotiva e elegica do teatro romantico português. São três peças modelos, mas vivendo no mais puro ambiente português. Em «Os Fidalgos da Casa Mourisca» vive simultaneamente a mais doce sentimentalidade luzida e o mais altivo orgulho da nossa nobreza de antanho.»

A protagonista vai ser desempenhada por Ester Leão, sendo a encenação do professor Antonio Pinheiro.

«A Aranha» no Politeama

Conforme fora previsto pelo nosso critico, o espectáculo do Politeama dispertou as atenções do publico que tem passado, noite a noite, em grande concorrência, por aquela casa de espectaculos, atraído pelo que se conta de «A Aranha» que, na verdade, uma atracção inédita, desconhecida, cheia de emoção e de imprevisto. Além da peça, propriamente dita, realizada com todos os seus mistérios, a parte «Music-Hall» é igualmente notavel e digna de ver-se, especialmente pela colaboração da formosa «cancionista» Conchita de Leonardo e do impagavel excentrico comico, «maquettista» distincto, Rafael Arcos.

Atrás do reposteiro

A «troupe» de artistas negros e brancos «Revue Jazx Americana», tem espectaculos marcados em Braga, Ovar, Aveiro e Setubal, onde estreia na proxima segunda feira, terminando a sua actuação em Portugal na cidade de Faro.

—Ontem, na estação do Rocio, á partida da Companhia Satanela-Amarante, para o Porto, onde hoje se estreia, no Sá da Bandeira, compareceu grande numero de artistas, amigos, empregarios, jornalistas e representantes do Gremio dos Artistas.

—A revista «Lusitania», que se publica no Rio de Janeiro, insere uma pagina de fotografuras, toda dedicada á actriz nossa compatriota, Beatriz Costa, que a Lisboa deve chegar no dia 7 do proximo mez de Fevereiro, com todos os artistas que fizeram parte da Companhia Eva Stachino.

—O actor-empresario José Climaco acaba de obter um grande exito em Setubal, onde, na recita dos artistas Alberto Miranda e José Moraes, no Salão Recreio do Povo, fez varios numeros, á maneira de Rafael Arcos, sendo imensamente aplaudido.

—Entrou em ensaios no Teatro Politeama a nova peça «Complot Internacional», de João Verdades, extraída por este escritor do seu livro com o mesmo titulo, e em cujo desempenho entram Palmira Bastos, Maria Matos, Auzenda de Oliveira e Maria Helena.

—Realiza-se hoje, no Teatro Nacional, a segunda recita popular da Companhia Amelia Rey Colago-Robies Monteiro, com a peça de Ramada Curto, «A Boneca e os Fantoches».

—É hoje a ultima representação da primeira série da comedia «Eu e ela», em vista da estreia, amanhã, no Teatro do Gimnasio, da Companhia do Teatro Espanhol. «Eu e ela» reaparece a 11 de Fevereiro.

—Tiveram a amabilidade de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida os distintos actores-empresarios Luiza Satanela e Estevam Amarante, que partiram para o Porto com a sua companhia.

—Por absoluta falta de espaço, e não se publicando amanhã o «Diário de Lisboa», só no proximo sabado nos podemos referir á estreia da «Comedia da Vida», que ontem se realizou no Teatro Avenida.

—Amanhã, por ser dia feriado, ha «matinée» no Coliseu, com todos os numeros da Nova Companhia de Circo. As crianças têm entrada gratuita.

—As empresas teatraes de Lisboa e Porto, estão já tratando dos seus programas para o proximo Carnaval, que, pelas companhias em «tournée» será realizado em varias cidades, sendo os de Setubal efectuados pela Companhia Cha-by Pinheiro.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75—Rua de S. Paulo—77

CONDES

CONRAD VEIDT e OLGA BAGLANOVA

O HOMEM QUE RI

Um grande melhoramento

A ligação

electrica

das Azenhas do Mar

com a Praia das Maças

Inaugura-se amanhã o troço de linha ferrea electrificada da Praia das Maças ás Azenhas do Mar.

Esta progressiva e ridente povoação, que em cinco anos atingiu um extraordinario e bem orientado desenvolvimento, a ponto de ser hoje das mais representativas do concelho de Sintra—fica assim ligada á sede e a Lisboa, por intermedio da Companhia Sintra-Atlantico.

Este melhoramento deve-o aquella localidade, Azenhas do Mar, ao incremento que tomou e ao prestigio dos seus homens bons, á frente dos quais, sem desprimor para tantos, avulta o nome de Alberto Tota, um dos elementos mais trabalhadores, prudentes, desempoeirados e coordenadores de esforços de todo o concelho de Sintra, onde gosa de extraordinario prestigio, aliás merecido.

Certamente a boa vontade da Companhia Sintra-Atlantico, as facilidades de quem de direito, e o entendimento do que convem aos interesses dos arredores de Sintra, servida por uma esplendida Camara Municipal, conglorinaram-se para que a linha fôsse um facto.

Mas Azenhas do Mar fica-a tendo de direito, a servir a sua vida social, os moradores do encantador rincão marinho, o turismo sintrense e a propria interessante Praia das Maças, já antes ligada a Sintra.

Azenhas—está amanhã em festa. O dia 31 de Janeiro fica memoravel na linda terra, que se debruça sobre o Oceano.

A comissão de melhoramentos locais organizou um programa, que é assim concebido:

Às 7 horas, alvorada; ás 10, chegada da banda de Almoçagem; ás 11, chegada do primeiro carro, que inaugurará a linha, e conduz a banda de Colares; ás 11 e meia, sessão solene na Escola Primaria, uma das mais belas de Portugal, grande exemplo de um esforço cívico, servindo a causa da instrução; ás 13, almoço no Hotel Bela Vista, das Azenhas; ás 15, inauguração dos Depósitos para agua que abastecerão a Praia das Maças, e ás 19, recita infantil na Escola, pelos alunos, cuja educação é primorosa.

Assistem ás festas elementos officiaes e representantes da Camara Municipal de Sintra e de todas as freguesias.

Dr. Antonio José d'Almeida

A direcção do Centro Escolar Republicano Dr. Antonio José d'Almeida, na sua sessão de ontem, resolveu ir amanhã, 31 de Janeiro, pelas 15 horas, ao cemiterio do Alto de S. João, depôr flores no jazigo do seu inolvidavel patrono.

Ficam avisados da sua resolução os amigos do falecido, os republicanos em geral, e, principalmente, os consocios do Centro, que com ela se queiram expontaneamente agrupar á porta do cemiterio, numa homenagem, a um tempo de saudade pelo grande paladino da Republica e de fé viva, no ideal que ele mais do que ninguém, sintetisa ainda.

Club 73

no São Luiz

A Cidade

A AVIAÇÃO CIVIL

O Aero-Club

de Portugal

vai entrar numa fase

de vida intensa

Na sede do Aero-Club de Portugal realizou-se a semana passada, uma assembleia geral, presidida pelo sr. coronel Silveira e Castro, que foi interrompida por não terem sido feitas nos prazos do Estatuto as respectivas convocações.

Ficou, por isso, resolvido convocar nova assembleia para o dia 6 de Fevereiro, ás 21 horas, com a mesma ordem da noite: eleição dos corpos gerentes.

* * *

Cabe aqui historiar, embora resumidamente, o que tem sido a vida agitada e difficil daquela agremiação.

Fundado em 1910 por meia dúzia de «carólas», o Aero-Club tem arrastado até hoje uma existencia atribulada, não só devido ao desinteresse de quasi todos os associados, mas também ás constantes difficuldades financeiras.

Teve, por isso, de andar constantemente, a mudar de casa, e ainda está na memoria de todos a ida, do Palacio Palmela para um quarto cedido, no Largo da Trindade, pela Direcção da Aeronautica Militar, e a volta para o referido Palacio, aqui ao pé, no Calhariz, onde ainda hoje se encontra.

Apesar, porém, de todas as contrariedades, o Aero-Club tem uma obra que ha que considerar e apreciar: as recepções aos azes estrangeiros, as subscrições que tornaram possiveis alguns dos *raids* portugueses, as homenagens aos heróis da nossa quinta arma, as festas de Aviação, etc.

A par destas iniciativas, quasi todas elas coroadas do maior exito, o Aero-Club de Portugal manteve sempre uma altura moral que o encheu de prestigio, e que é a maior força que garante o seu futuro. Alheio a todas as lutas que têm surgido nos meos da nossa Aviação, a sua independencia conseguiu reunir sempre á sua volta os grupos desavindos. E estamos certos de que, seja qual fôr o resultado das proximas eleições, assim sucederá sempre.

E' também de notar que o Aero-Club de Portugal conseguiu tornar-se conhecido e apreciado no estrangeiro, graças á presença, em diversos países da Europa, de varios dos seus dirigentes, que sempre salientaram orgulhosamente essa sua qualidade.

E, para terminar esta vista de olhos sobre o passado, não queremos deixar

de prestar homenagem ao tesoureiro, sr. Joaquim Guedes Pinto, que numerosas vezes tem coberto, do seu bolso particular, os déficits constantes do Aero-Club.

* * *

Anuncia-se, agora, vida nova.

Seja qual fôr a lista que vencer—porque ha duas: a do «governo», simpatica á actual direcção, e a da «oposição», quasi toda composta de elementos novos—, sabemos que o A. C. P. vai entrar numa fase de vida intensa.

Sob que aspectos se manifestará essa vida?

Primeiro que tudo, dando o passo inicial para a Aviação Civil em Portugal: procurando comprar aviões de escola, e facultando aos seus socios a aprendizagem de voar. E, além disso, promovendo conferencias, certames, demonstrações com aeroplanos e pára-quedas, etc.

Não ficaria a noticia completa, se não dessemos a publico a composição das listas que vão aparecer face a face na noite de 6 de Fevereiro.

A do «governo» é a seguinte:

Direcção—Presidente: Alberto Cifka Duarte; secretario geral: Carlos Beja; tesoureiro: Joaquim Guedes Pinto; vogais efectivos: José Pedro Pinheiro Correia e D. Maria de Lourdes Sá Teixeira; vogais suplentes: Mario da Costa França e Carlos de Oliveira.

Mesa da Assembleia Geral—Presidente: Silveira e Castro; Presidente suplente: Ribeiro de Almeida; 1.º secretario: Alvaro Ribeiro Lopes; 2.º secretario: Antonio Rodrigues Alves; secretario suplente: Artur Queiroz.

Conselho Fiscal—dr. Costa Lobo, Anibal Paixão, Amílcar Barros Queiroz, José de Barros e Manuel Figueira da Camara.

A lista da «oposição» é formada pelos seguintes nomes:

Afonso Cerqueira, Brito Pais, Jorge de Castilho, Carlos Eduardo Bleck, Alvaro Cunha, D. Luis de Lencastre (Conde da Lousã), D. José de Saldanha, dr. Francisco de Melo Breyner (Conde de Mafra), Filipe Gomes Vieira, Manuel da Costa Vasques Junior, João da Silva Soares, Carlos Magalhães, Charles Henry Bleck, Tomás Pinto Basto, Gonzaga Pinto, Carlos Arantes Pedroso e Luis Goes.

O «Rallye» de Monte Carlo

Os automobilistas portugueses que tomaram parte no 9.º «Rallye» Internacional de Monte Carlo chegaram ao termo da viagem ontem, ás 11 horas, tendo feito o percurso em 53 horas e cinco minutos, na média maxima que era permitida pelo regulamento.

Baile na Faculdade de Sciencias

Realiza-se no dia 8 de Fevereiro, na sede da Associação dos Estudantes da Faculdade de Sciencias, antiga Escola Politecnica, o tradicional baile de recepção aos novos alunos, para o qual foram convidadas diversas familias da nossa primeira sociedade.

A direcção vai convidar um júri de artistas e jornalistas para proceder á eleição da dama mais formosa, que ficará sendo madrinha dos caloiros.

Já se marcam bilhetes na sede da mesma associação.

TIVOLI FIGARO

com Tony D'Algy, Arlette Marchal, Van Duren e Mario Bell

Divertimentos de Lisboa

O inicio

das festas

do Carnaval de 1930

no elegante Maxim's

O Carnaval de 1930, no magnifico Club dos Restauradores que é o «dancing» official estabelecido pela lei que regulamentou o jogo, inicia-se hoje á noite, com o deslumbrante «Baile dos Bébés», originalissima festa em que todas as senhoras que queiram concorrer aos premios, devem apparecer vestidas de «bébés», o que lhes dá margem a patentear o seu bom gosto e a sua imaginação, visto que os vestidos podem corresponder a todas as épocas da infancia, desde o nascimento até á idade de oito anos. O 1.º Premio é na verdade tentador: Um riquissimo vestido de «soirée», no valor de 2.000 escudos, que a premiada escolherá á sua vontade na importante casa Eduardo Martins & C.º. O 2.º, gentilmente oferecido pela acreditada casa Pinto, Limitada, da Rua Nova do Almada; é um chapéu á escolha da contemplada. O 3.º, é um lindo estêto completo de perfumaria dum dos melhores fabricantes franceses. E o 4.º, um frasco de essencia Guerlain. Haverá, além disso, mais oito premios. O júri será composto pela illustre actriz sr.ª D. Adelina Abranches, pelo popular actor Nascimento Fernandes, e por Augusto Pina, Guilherme Pereira de Carvalho e Felix Correia.

No proximo domingo, realizar-se-há um baile de máscaras.

Na quinta-feira, 6 de Fevereiro, terá lugar uma festa «O Carnaval em Vienna», com decorações originaes, distribuição de numerosas marcas de «cotton», etc.

No domingo seguinte haverá novo baile de máscaras.

N quinta-feira, 13, realizar-se-há um Concurso de Trajes Portugueses, com artisticos e valiosos premios ás máscaras que melhor se apresentarem, nos trajes das nossas provincias ou com os trajes populares de Lisboa.

No domingo, 16, terá lugar outro baile de máscaras.

Na quinta feira, 13, realizar-se-há o «Bal de Têtes», com um premio á cabeça mais artistica ou mais interessante e varios a todas as senhoras que concorram.

No Domingo Magro, tocarão duas orquestras e haverá um baile de máscaras, com brindes e surpresas.

Na terça feira, 25, haverá a primeira festa de Evocação do Carnaval Antigo: «Um baile campestre da Academia Recreativa Amizade e União. Ornamentação típica. Festa abrilhantada por um original «Cavalinho», que tocará toda a noite num corêto.

Na quinta feira, 27, realizar-se-há a segunda festa de Evocação do Carnaval Antigo: Apresentação de uma autentica «cégada» com todas as máscaras que nesse tempo a compunham.

Na sexta feira, 28, haverá um concurso de máscaras, com um belo premio á senhora que se apresentar melhor mascarada.

No sabado, 1, no domingo, 2, na segunda feira, 3 e na terça feira, 4 de Março, terminarão estas sensacionais festas com quatro deslumbrantes bailes de máscaras.

Durante toda esta época, o «Maxim's» apresentará originaes decorações e iluminações pelo modernissimo processo Jaccoppozi, a cargo do habil electricista João de Oliveira.

ã,abcl

Para os estudiosos

Tem sido todos os dias muito visitada a Biblioteca do Gremio Luso-Alemão, na Avenida 24 de Julho, 34, onde estudantes, engenheiros, artistas, homens de sciencia e simples curiosos podem consultar gratuitamente e pedir emprestados, mediante uma pequena fiança, milhares de livros alemães sobre os mais variados problemas, nas mais modernas edições. Além disso, estão também patentes ao publico dezenas de interessantes revistas e jornais.

Brindes e calendarios

Das Fabricas Triunfo (bolachas, massas e biscoitos) recebemos uns artisticos calendarios, que agradecemos.

Não é só dizer que se fazem funerais a preços resumidos. E' preciso prová-lo.

A Agencia Funeraria S. R. A. F. (Secção da Soc. Revendedora de Artigos Funerarios) prova-o, por isso só pede uma consulta á sua casa e depois o interessado que decida

Funerais a pronto e a prestações

Direcção de OCTAVIO A. LOPES, ex-proprietario das Agencias Funerarias Bernardino Domingos e Francisco dos Santos Rodrigues

R. DAS PEDRAS NEGRAS, 5, 1.º
Não confundir o numero á Sé (esq. da Calç. do Correo Velho) Telef. C. 3645

FABRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

FUNDADA EM 1850

Louça de uso domestico—Louça de fantazia—Azulejos brancos e de côr—Quadros d'azulejos—Louça sanitaria—Tijolos refractarios—**MOSAICOS CERAMICOS**

O mosaico de Sacavem não tem rival e é o ideal do pavimento, —pela beleza dos tapetes que com ele podem formar-se, pela resistencia e pela comodidade e facilidade no aceio—para quartos de banho, cosinhas, terraços, halls, estações, edificios publicos, estabelecimentos comerciais, etc., **E' O MAIS ATRAENTE E O MAIS ACEADO DOS PAVIMENTOS**

Exposição em LISBOA

Rua da Prata, 132

PORTO

40, Rua das Carmelitas

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Serviço do Movimento — Repartição de Reclamações e Leilões

Leilão

Em 3 de fevereiro p. f., e dias seguintes, ás 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A n.º 134 de 25 de julho de 1927, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e o Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessorias, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avizam-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retirar-se, pagando o seu debito á Companhia, pelo que terão de dirigir-se ao Serviço do Movimento, Repartição de Reclamações e Leilões na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis até 1 do dito mês de fevereiro das 10 ás 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apollonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 16 de janeiro de 1930.
O Director Geral da Companhia—Ferreira de Mesquita,

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

SERVICO DE ARMAZENS

Fornecimento de 5.000 kgs. de estanho em lingotes de 1.ª qualidade

No dia 1 de Fevereiro p.º f.º pelas 12.30 horas, na Calçada do Duque, n.º 20, Lisboa, perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 5.000 kgs. de estanho em lingotes de 1.ª qualidade.

As condições estão patentes, em Lisboa, na Repartição dos Armazens da Divisão do Material e Tracção (edificio da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis das 10 ás 13 e das 14.30 ás 17 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio.

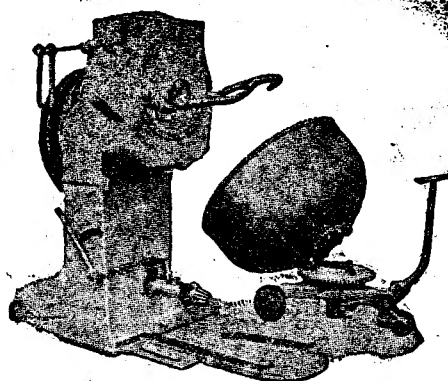
Lisboa, 24 de Janeiro de 1930.

O Director Geral da Companhia
(a) Ferreira de Mesquita

Sortes grandes 7

só o PINA as vende

75—Rua de S. Paulo—77



Amassadoras mecanicas para padarias

"MAHOT"

de braços simples e duplos com três movimentos

As maquinas preferidas pela sua construção e rendimento

Aparelhos aquecedores

S. I. A. M.

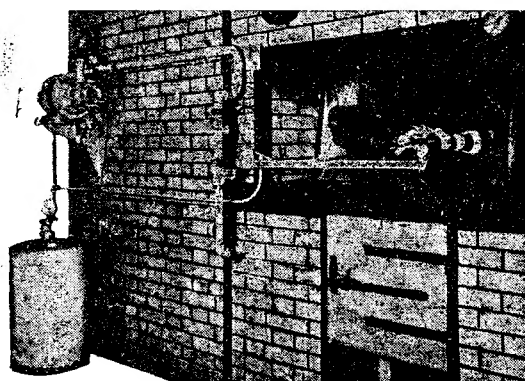
para fornos de padaria

OS MAIS ECONOMICOS E RESISTENTES

INUMERAS REFERENCIAS EM LISBOA E PROVINCIA

Experiencias e orçamentos gratis

Peçam prospectos e mais detalhes aos



UNICOS AGENTES:

Alfredo Alves (Filhos) ENGENHEIROS

Rua Academia das Ciencias, 19—LISBOA

Telefone T. 385

Telegramas: FREDALVES

Banco de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 13:500.000\$00

SEDE—Rua do Comercio, 148—LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira na Covilhã, Elvas, Estremoz, Figueira da Foz, Guimarães e Lamego e Correspondencias Privativas em Loulé, Olhão, e Villa Nova de Portimão, Moura, Torres Vedras e Villa Real de Santo Antonio

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES—Descontos, transferencias, empréstimos e credito em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de creditos sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas

LITERATURA COLONIAL

Da «Nova Largada»

de Augusto Casimiro

TRANSCREVE-SE

um interessante capítulo

Manhã, cedo.

Ainda o Sol não rompera a espessa névoa do cacimbo nos compridos vales onde, aconchegada e alva, adormecera. Humidas, gotejantes de orvalho, brilhavam as folhas das árvores e o capim. Morriam as brasas das fogueiras, entre cinzas... Do silêncio da noite que se fôra, no ar frio, ficara uma branda serenidade.

— Sabia a primavera, apesar das brumas, a primavera é a principio do mundo, a manhãsinha...

Diante da tenda em que o branco dormia, um homem esperava. Trazia o filho quasi desnudo, aflito de uma tosse teimosa e violenta que lhe punha lágrimas nos olhos magoados.

João Fernandes, em mangas de camisa, seu quinineo pronto, pediu o mata-bicho. Abriu a tenda. O homem chamou um cipaio, falava, apontando o branco e o filhito doente. Mas o branco, duma pequena mala de ferro, tirava já medicamentos, algodão, um frasco de tintura...

Os carregadores entanguidos de frio, lentamente, procuravam as cargas. Saudavam:

— *Quiambota, fumo!*

A névoa do cacimbo demorava-se, prendia-se ainda nos vales mais fundos. A copa alta da *sanda* brilhava já, doirada pelo Sol.

E ainda o Sol não ia alto quando, ao fim duma longa e suave encosta, o rio apareceu, largo e lento, entre margens sossegadas e verdes.

Ao fundo, um povo entre lavras, numa dobra da margem.

Garotos nus vieram, primeiro, medrosos e silenciosos, mirando o branco, de longe, a um lado do caminho, entre o capim. Depois, ao primeiro sorriso, às primeiras palavras, — *Eh! Muana! Uiza! Mindele macango!* — passaram do espanto aos risos, do silêncio aos gritos, saltaram no caminho, seguiram cabriolando, gritaram canções festivas.

As mulheres, mais adiante, passado o primeiro espanto, levado no grito risonho e turbulento das crianças — sorriam ao estrangeiro, saltando e dançando, entraram também na caravana, vieram com ela, correndo e parando, batendo palmas em bailados e gritos...

O soba Camalundo espera, em frente da libata, ao meio do caminho. Risonho e grave, em sua cadeira, entre os seus *mucuruntos*. A pele de gato bravo, insignia de chefe, desce da cintura sobre o pano que lhe cobre as pernas. Veste um casaco kaki de soldado da Guerra Grande. Poisam-lhe aos pés uma grande cabaça de malavo fresco. Mais próximas, ao redor, crianças. Como fundo, entre a multidão e o céu azul, palmas tremendo.

O branco chega. Camalundo levanta-se. Saudam-se. — Abranda o tumulto. Cala-se a grande voz festiva. Crianças e mulheres olham os chefes, o branco e o da sua raça, com respeito. Um *mucurunto* alegre com nobre geito vasa, num grande copo de vidro grosso, a bebida branca e saborosa, — oferecendo-a ao que chega.

Camalundo, de pé, (dá a cadeira ao branco) numa voz afável, enquanto um moço, atrás, ageita outra cadeira, — diz apenas:

— Deves vir cansado! Senta-te. Deves ter sede! — Bebe primeiro!

Um velho, aproximando-se, fala a Calendende.

— Sim, este é o filho do Govulo, de Tata Govulo. Tem o seu coração.

— Nós sabemos... Os homens passam e os soldados no caminho... As bocas falam. A terra já conhece. O Govulo está longe mas nós sabemos que é o nosso Pai.

* * *

— Bebe primeiro! — insistia Camalundo.

João Fernandes sabe que a lei não permite a extracção da seiva da palmeira *Elais*. — Que o malavo é uma bebida pouco própria para serenar a sede de um funcionario do Muone-Puto.

Camalundo, num invite, bebe. João Fernandes sorri e explica a sua recusa. Calendende traduz, e a sede cresce-lhe na boca e nos olhos cubicosos.

Mas porque não querê ver tristes os seus amigos, (sabe que é do coração que vem a oferta), João Fernandes bebe um trago lento e saboreado que repete e alarga quando, interessadíssimo, Calendende lhe afirma não haver na terra palmeiras *Elais* e ser doutra palmeira o vinho branco, a seiva saborosa que figurou, (pensa João Fernandes, entre dois novos goles), nos banquetes de Salomão.

* * *

Meio dia. As nuvens esconderam o Sol. João Fernandes repousa á porta da sua tenda, a fumar cachimbo, a acarinhlar crianças.

Ao redor, a distancia, sentam-se mulheres. Algumas têm um filho sobre o regaço, dão-lhes o seio fatigado ou tímido. Todas olham o branco, ou falam baixo, sorrindo. O branco é moço e belo. A mocidade entenece, por toda a terra, todos os corações.

Chega um carregador retardatário. Uma mulher levanta-se, corre para ele, curva-se, ajoelha, quasi lhe abraça o corpo pela cinta. E' um amigo. E' da família.

Largando o seio das mães, puxando as ripas de cabelo que, para os filhos brincarem, as mães não cortam ao lado das temporas, — os babinos pasmam, em silêncio, olhando o branco. Mas, mal o branco os fita, numa careta ou num sorriso, cada um, num pânico, esconde a cara afilta, grita um choro desfeito. As mães afagam-nos, serenando-os. Depois os olhos das mães e os olhos do branco encontram-se. Os delas, como os de todas as mães, doloridos e doces e profundos...

Longe rola o trovão, para nascente, vem de nascente, despenha-se de nu-

vem para nuvem, na serrania de nuvens acasteladas no céu...

Moissôa, tocador de *quissambo*, rápido ambulante, viera esperar o branco, juntara-se á caravana. O *quissambo* é uma lira de três cordas, grosseira e rude, posta sobre uma caixa de ressonancia. Moissôa entende que o branco precisa de cantor que o celebre de povo para povo e em cada povo do caminho.

Viera na frente da comitiva, acompanhando o branco cujos passos são largos:

*Uiza, Uiza! Muana Govulo,
Uenda muana Govulo...
Mindele muana ia Govulo...*

E cantava as palavras do branco, as palavras de maneira nova, o elogio do trabalho, das novas culturas, das largas sementeiras:

*Okussalanga quiambota.
Massa quiambota.
Losso quiambota.
Uiza muana Govulo!*

Agora, no acampamento, solene e grave, Moissôa que acabou de comer com um amigo, já refeito da marcha, — cabeça alta, sobre o peito o *quissambo*, — vem ao meio dum grupo, para adiante do branco, escolhe o terreno, ageita o pano e senta-se.

Pede agua. Dessedenta e gorja, tosse, humedece as madeiras do *quissambo*, estica, torce as cordas vegetais da sua lira.

E espera um sinal do branco. O branco sorri apenas.

Moissôa ataca o primeiro cantic: *Amutele* (a troca:)

*«Dumba canzole leke amutele
«Bazi uenda cuá-cua,
«Cuisst ua caca.*

— *Mana! (Espera!)* — *Eh! Calendende!*

Calendende, da cozinha proxima, previa repetição da estrofe, traduzia, rindo:

— «Não quero dormir mais contigo,

ó rapariga! — Vai amanhã para a tua terra! Eu cá me arranjarei!» E' o que ele diz...

Seimôa entretanto, namorava o cachimbo do branco. A alguém que passava, e veio sentar-se junto dele, pediu a graciosa esmola duma fumaça que gulosamente prolongou, descuidado.

Surdas, iguais, as cordas do *quissambo* soaram de novo. E' outra a toada. Repetem-se as palavras, prolongam-se as vogais sonoras que as terminam, exclamações, aiando, cortam os versos, animam a canção que fala do imposto, da pequena pasta ou carteira em que os homens guardam o dinheiro, as senhas ou as cadernetas do imposto.

*«Sacambulo riê,
«Sacambulo riê,
«Sacambulo riê,
Sacambulidi china macumia*

*Aiá, á aiá!
«Monobene mono bandula iambuta,
«Mocutuca dinga,
«Mocutuca quitari
«Monungunda futa cu chefe...*

Calendende, limpando um prato, vertia sem poética, tendenciosamente:

«Minha pasta, minha pasta vai-te embora, vai levar o meu dinheiro, os meus quarenta mil réis, ai ai, ai! — tanto dinheiro! — do imposto, pagas, ao chefe.»

* * *

A trovoadá afasta-se para longe. A chuva mal calu, (são as primeiras chuvas) — mal calu e foi-se.

O Sol desce num céu verde e oiro, malaquite e oiro, sobre o horizonte cinzeo.

Ao fogo, um moço tempera a pele ressoante dum *gongo*.

Rufa, batendo as mãos ligeiras com frenesi na pele sonora. No terreiro, dentre as cubatas, surgem correndo os novos.

— *Eno! Dumba! Matoco! Eno! Uiza eno!*

— *Eh vós Raparigas! rapazes! Venham todos!*

— Está o branco na aldeia, o amigo branco. — *Dansar é bom!* — *Ele é alegre e moço, o filho do Govulo!*

Daiáidá? Dá á á !... — gritam, riem batendo as palmas, num riso musicado e alto, as raparigas. — *Daiáidá? Dá á á !*

Camalundo, (acabou de fazer a barba com uma gilete que lhe deu João Fernandes...), senta-se ao lado do branco, (põe um filho sobre os joelhos...) — vê interessadíssimo, as fotografias duma revista europeia, em que ha submarinos e aviões.

Já os pés nus ferem, num ritmo sonoro, o terreiro liso. As moças dançam, semicerrando os olhos. — *Elas ao centro da roda. A' volta, eles, cercando-as, batendo as palmas, animando as mulheres...*

A dança anima-se, os corpos correm, agitam-se, estremecem... E os rapazes gritam, excitando-as, no ritmo apressado, curvados para elas, numa roda:

— *Gurika! Gurika!... Gurika!*

Elas, na cadencia volutuosa, no ritmo impassível:

— *Tchiá!... Tchiá!... Tchiá!... Tchiá!...*

Afagos de oiro na sombra doce da noite, (debandaram todos...) dentro das casas esmorecem as pequenas fogueiras. — Lentamente, no céu, caminham as estrelas. Ferindo o silêncio, ha bocado, rolou o ronco bruto dum cavalo marinho.

Depois o silêncio fez-se maior.

Companhia de Diamantes de Angola

(DIAMANG)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
COM O CAPITAL DE 9.000.000\$00 (OURO)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção
de diamantes na Provincia de Angola,
por concessão do respectivo governo

SÉDE SOCIAL: R. dos Fanqueiros, 12, 2.º

Telegr.: DIAMANG

Escritórios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros
Mr. Jean Jadot

Administrador-Delegado Ernesto de Vilhena

Representação e Direcção Técnica em Africa:

Representante
Tenente-Coronel Antonio B. de Mello

Caixa Postal — Telegr.: DIAMANG

Loanda

Direcção Técnica

Mr. N. T. Dickinson

DUNDO

Lunda

ANDERSON

O esperanto e a literatura

Num pobre lar de uma pequena rua, nasceu em Odense, a 2 de Abril de 1805, Hans Christian Andersen.

Aquela cidade vai dedicar-lhe uma festa comemorativa da sua obra e escolheu para esse efeito os dias 11, 12 e 13 do próximo mês de Julho, por ser esta a época mais propícia á visita dos turistas.

Grande é o nome de Andersen, enorme a sua fama.

As suas fabulas, principalmente, correm mundo, traduzidas em muitas linguas e na lingua universal Esperanto.

No Japão varias edições appareceram, algumas illustradas; e na India é comum as mães contarem aos seus pequenitos a «Historia de uma Mãe».

Cada país tem os seus autores mais ou menos queridos, mas Andersen foi de ha muito coroado pela humanidade como rei dos fabulistas.

A grande arte de escrever simplesmente, naquella lingua que as mães empregam quando, ao cair da noite contam historias aos filhos, esta arte possuiu-a Andersen como nenhum outro autor, dando-nos pequenas joias de uma perfeição unica e de uma simplicidade em que não transparece o mais pequeno vislumbre de esforço.

Nesta arte de contar, Andersen atingiu uma altura muitissimo difficil de ultrapassar.

Umaz vezes, cheia de graça, leve como arminho, outras encarando de frente os grandes problemas da vida, a sua inspiração brilha sempre, quente, cheia de sinceridade e de beleza, numa profunda compaixão pelo sofrimento e numa nitida compreensão da vida.

A sua obra, se me permitem a imagem, tem como que dois registos: ao mesmo tempo que diverte e encanta os pequenos, enche de interesse os crescidos que o profundam.

Enquanto o sentimento da criança segue a sorte do pinheiro ou do patinho, o leitor já de uma certa cultura e desenvolvimento compreende bem que o pinheiro desempenha o papel de um ser humano e que o feio patito é uma idealizada autobiografia.

Em resumo as suas fabulas, os seus contos, visam sempre altos ideais, têm todas aquelle «não sei quê», que deve ser o mais profundo segredo do genio.

Eis porque Andersen está no pensamento de todo o mundo, eis porque a cidade onde ele nasceu resolveu comemorar a sua obra.

REITOR H. STEEN HOLBECK

Presidente da Associação H. C. Andersen

Dr. Arbués Moreira

Director do Hospital-Sanatorio da Ajuda
Clínica geral e Doenças dos pulmões

Consulta ás 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} ás 17 h.

Avenida da Liberdade, 85

CRONICA

A MULHER nas Universidades

Li, ha dias, na «Voz», uma conferencia feita pela sr.^a dr.^a D. Silvina Pacheco do Carmo, no «Lar Universitario Feminino», na festa do terceiro aniversario desta instituição. Interessou-me essa conferencia pelas ideias que apresenta e pelo genero de feminismo que discute.

Feminismo é ainda no nosso país uma palavra muito vaga, pois cada um applica-a a doutrinas que professa ou que repele, e que variam de pessoa para pessoa, no significado que se lhes dá, no alcance que têm, e que, submetidas á mesma palavra, são diversas e até contraditorias. Não é raro ouvir-se dizer, depois duma pequena explicação ou exposição de ideias:

— Ah! Mas assim tambem eu sou feminista!

A conferente a que me refiro não recela que os estudos superiores venham masculinizar a mulher portuguesa, porque considera que ella é demasiado feminina para que tal possa succeder, e nisso estamos plenamente de acôrdo. Observa a sr.^a D. Silvina Pacheco que as raparigas que estudam nas nossas Universidades, procurando instruir-se, elevar-se e ganhar honestamente a vida no trabalho intelectual, pensam tão pouco nas reivindicações feministas que talvez algumas nem as conheçam bem.

Embora eu não frequente o meio universitario, tenho a mesma impressão.

Lastima a conferente que seja ainda encarada com desconfiança e hostilidade a frequencia de raparigas dos liceus e universidades e que a «sentimentallice portugueza» distrala a attenção das alunas para preocupações que não sejam puramente intellectuais... A segunda observação justifica a primeira; mas, dada a vida de hoje, os rapazes e as raparigas têm tanta facilidade de se verem e de conversarem, que o liceu e a Universidade não são precisos para se estabelecer a convivência.

A nossa estudante, porém, não tem, creio eu, a noção da simplicidade que deve tornar-se apanagio da mulher que estuda e que não exclui bom gosto nem a faz menos feminina.

Muitas raparigas vão para as aulas com vestidos de côres berrantes, chelas de colares e pulseiras, enfim, com um aspecto que não está em harmonia com a tarefa escolar. Isto pode parecer uma observação futil e secundaria, mas tem a sua importancia, pois que a rapariga que estuda precisa de vestir-se dum modo singelo, pratico e que não dê nas vistas, nem permita confusões.

A conferente do «Lar Universitario» entende que para se criar á rapariga o ambiente intelectual de que carece é preciso instituir mais casas de estudantes femininas, onde as que vêm para a cidade, sem protecção e sem familia, encontrem o lar e o meio favoravel á sanidade moral do seu espirito e da sua vida. Eu acrescentarei que tambem as familias deviam preparar as raparigas para este novo estado de coisas e dar-lhes previamente a consciencia do caminho que seguem, com os seus deveres e responsabilidades. Só assim elas podem saber o que fazem, — porque uma rapariga de dezoito anos, poucas vezes tem o espirito formado, com uma vontade consciante e o bom senso para dirigir-se. Não confundamos instrucção com educação e com principios. Uma rapariga pode ser intelligente e instruida, e não estar preparada para seguir dignamente e corajosamente a vida que lhe impõe a carreira que escolheu, e a conciliar mais tarde esses deveres com qualquer mudança na sua situação de mulher.

E' preciso que a rapariga, sem prejuizo da alegria sã da mocidade, tome a sério os encargos quasi nunca ligeiros, duma carreira que lhe traga outros trabalhos que não exclusivamente os do seu lar. Mesmo para estes, que tantos são, daria eficaz resultado uma educação e uma instrucção mais profundas, com noções de responsabilidades familiares e economicas, de higiene e de puericultura tão necessarias ás mães.

Parece-me, pois, muito util educar as raparigas para o seu novo papel na sociedade moderna, educa-las na familia, nos Lares Universitarios, na conferencia e no livro, de modo que a sua independencia seja bem compreendida e bem applicada. — M. DE C.

ALEM-MAR

A emigração para o Brasil

O nosso colega Carlos Cilia, hoje director do jornal «A Tarde», de S. Paulo, Brasil, escreveu naquella periodico o seguinte artigo:

«Quando, em 1927, nos batemos arduamente em Portugal, pela carreira de navegação portugueza para o Brasil, com o fim principal de conduzir e proteger o emigrante, houve, quem, não conhecendo o Brasil e nada percebendo de emigração, se levantasse «patrioticamente», contra a nossa campanha e tudo fizesse, tambem «patrioticamente», para que não se levasse a efeito o que agora se inaugurou com exito: a linha portugueza de navegação, para terras brasileiras.

E é o governo de Portugal e são os dirigentes dessa companhia, que fazem «agora» questão de declarar que nesses vapores haveria protecção ao emigrante e se tentará tambem reconquistar o mercado brasileiro, quasi totalmente perdido, por varias razões que não desejamos discutir agora e muito menos lembrar.

No dia em que o governo de Portugal se certificar de que tem que pôr em pratica as leis italianas concernentes á emigração, nesse dia, sim, estará completa a maior obra de patriotismo e de protecção que Portugal tem dado aos seus filhos.

Provado ficou já, a não ser, pelo menos, por enquanto, util e merecedora de incentivo, a colonização do tão falado planalto de Angola.

Prova-se tambem que o Brasil é o unico país do mundo capaz de importar em escala maior os produtos portuguezes.

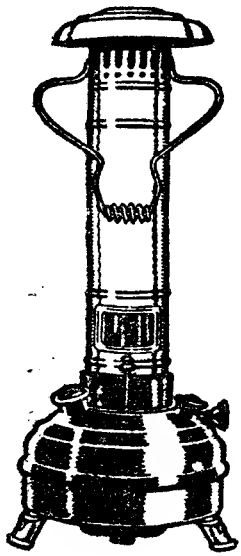
Falta um tratado geral de emigração e trabalho, regularizando o movimento emigratorio entre as duas nações amigas e o tratamento dos emigrantes.

Estabeleça-se a igualdade de tratamento de emigrantes e reconheça-se desde já a oportunidade de se estabelecer tambem igualdade de tratamento entre os respectivos cidadãos, pelo que diz respeito aos beneficios das leis sobre a reparação dos accidentes de trabalho.

O que não está certo é que o «Niassa» deixe em Santos, com destino a S. Paulo, mas sem destino certo na vida, seiscentos e tantos emigrantes, no momento actual em que os que aqui se encontram, se debatem na pavorosa interrogação do que será o dia de amanhã.

As classes laboriosas encontram-se já com um numero elevado de homens e mulheres, sem trabalho. Estes que vieram e aqueles que virão ainda, não são os culpados dos aborrecimentos que infelizmente vão ter e dar-nos. A culpa vem de mais alto: de quem teima em não regulamentar a emigração e de a não entregar nas mãos de quem, por idoneidade e perfeito conhecimento de causa, resolveria o problema a contento de todos. E' o que se deve pôr em pratica com urgencia.»

CARLOS CILIA



Aquecei o vosso Lar Caloriferos da VACUUM

À venda em

LISBOA — Rua da Mariz
Sôca, 17. Rocio, 67 (loja).
ARRANTES, Rocio DE-
Largo da Estação.
AVEIRO — Estrada da
Barra.
BEJA — Praça da Republi-
ca, 47 e 48.
BRAGA — R. do Calvario, 4

CALDAS DA RAINHA —
Praça da Republica.
COIMBRA — Largo Miguel
Bombardeira, 47 e 59.
COIMBRA — Estrada do Seixal.
EVORA — R. da Alameda
de Cima, 1-1-1. R. João
de Deus, 3 e 9 (loja).
FARO — R. de Santo Anto-
nio, 1 e 3.

FIGUEIRA DA FOZ — Rua
Fernandes Tomás.
PORTIMÃO — R. Dr. Teó-
filo Braga. Estrada da
Rocha.
PORTO — Rua Infante D.
Henrique, 87. Rua 34 da
Bandeira, 410 - 412. Praça
da Liberdade, 47.
REGUIA — Largo da Ponte.
R. João de Lemos.

SANTARÉM — Rua 21 de
Janeiro.
SETUBAL — Av. Teófilo, 346.
VIANA DO CASTELO — R.
de Manuel Espregueira,
6, 8, e 10.
VIZEU — Av. Capitão Ho-
magem Ribeiro. Rua do
Comercio, (loja).



537

VACUUM OIL COMPANY

PORTUGAL EM AFRICA

Uma festa em Moçambique

com musica de brancos e batuque de landins

Naquele domingo, tudo a postos. A Escola de Artes e Ofícios de Moçambique, com a sua musica e os seus directores, não tardaria a chegar. Na véspera, cumprindo cada um a sua tarefa e concorrendo todos para o mesmo fim, tudo ficara preparado. Palhotas compostas, arruamentos varridos, formatura preparatoria aos soldados, e o quartel cuidadosamente enfeitado com pequenas bandeiras de Portugal, bicolores, garridas e que, para aquela festa, aos pretos ensinara a fazer. Em volta do alto pau da bandeira, cá fóra, na ampla parada, como simbolo de obediência, as armas indigenas artisticamente dispostas: lanças, zagaias, arcos de flechas, chuchos. E naquela manhã de ar calmo, duma limpidez de cristal, a Natureza de boa vontade parecia querer associar-se, com a harmonia da sua purificante luz, á homenagem que, naquele dia ia ser prestada á bandeira portuguesa. Assim era preciso. Todos os domingos ela era içada, enquanto os quatro pretos de guarda ao quartel apresentavam armas e o corneteiro tocava. Mas fóra disso, e durante anos e anos, mais nada. Por excepção, naquela manhã, não se notava o longo sossêgo, como nos demais dias, no monte silencioso. Da sanzala dos soldados e da povoação civil, daquela vez e como que num zumbir de abelhas, um vago e arrastado sussurro se ouvia. E' que a festa ia ser rija... Musica, como a dos brancos, que nunca lá tinha ido e, de noite, grandes fogueiras, danças, e o batuque dos landins. Já as pretas, sorridentes, se mostravam com as suas missangas mais lindas e os seus panos mais vistosos. E comparava aqueles preludios de festa com o que, tantas vezes, observara nas aldeias do continente, quando vejo pretos, de braço estendido, a apontar para longe, na direcção do mar.

— Lancha de Moçambique, sió. Além... além... — informou um.

Passado tempo, da lancha que se aproximava partiu um som agudo, vibrante, de instrumento de metal. Dirigiu-me á praia com o pessoal branco, que a companhia tinha e, atrás de nós, uma curiosa chusma de indigenas. Enquanto os pretos, com os seus instrumentos reluzentes e o seu modesto fardamento, desembarcam, como reconhecimento com o director da Escola e com o seu auxiliar, o padre italiano Martinho Recalcati, alto, simpático, de grande barba preta, e que me parecia não poupar as palavras. Ladeira acima, até á entrada da povoação.

Aqui, a musica forma e rompe a marcha, ao som dum cadenciado ordinário. Pretas acodem á rua; algumas elevando pequerruchos nos braços, para que vissem com os seus olhos grandes, esbugalhados, pretos como eles a tocarem coisas tão lindas... Ha regosio, tudo parece ter ar festivo. Para que pudesse ter mais a impressão de que me achava em aldeias de Portugal, só bastava, naquele momento, o repicar dos sinos e o estralar dos foguetes. Um facto, porém, me não passou despercebido. Os dois índios, banianos, que negociavam na terra, não se achavam na rua, nem á porta dos estabelecimentos, como costumavam fazer. «Que bicho lhes morderia...» — pensei. Chegou o cortejo ao quartel. E, depois da refeição aos músicos e do almoço aos brancos, deu-se começo á singela cerimonia. Formou a companhia, armada, junto ao quartel, onde a sombra débil de pequenas bananeiras se projectava. E de musica á frente e enquanto o sol falcava nas baionetas, dirigiu-se a companhia á parada, e aí formou em coluna de pelotões, em frente do pau da bandeira. Como eles marcharam os ativos landins, numa cadencia acertada, como se a musica os atraísse e todos orgulhosos do seu fardamento amarelo e dos seus cofiós vermelhos!... Cheguei á parada, retribuí a continen-

cia e olhei em volta. Um mar de cabeças se estendia á minha vista. Além dos soldados e dos pretos da povoação, outros compareceram, chamados pela musica. Porém, os banianos, os dois bisonhos banianos, por entre tanta gente, não os descortinei eu. Chamei o interprete, preto desembaraçado e que, na povoação, tinha prestigio. E dei-lhe uma ordem:

— Vai lá abaixo, já, a correr, e diz á banianos que venham ter comigo.

Pouca demora teve o interprete. Em breve volta e diz:

— M'cunha, não vêm. Dizem que não é religião deles, sió.

— Volta lá. Diz-lhes que se apresentem já. Que não se trata de religião, mas sim de saudar a bandeira de Portugal. E que não lhes aceito a desculpa, porque eles sabiam já bem do que se tratava.

E tive, então, vontade de ir eu proprio procurá-los, para os increpar, para os insultar, e para os fazer ir á força. E assentei ser-lhes, de futuro, hostil. Havia de maguá-los, arrelia-los, todas as vezes que pudesse. A primeira partida seria negar-lhes licença para o batuque de lua, quando ma fôssem pedir. Passado pouco tempo, lá os vejo aparecer, paulatinamente, como se os balandraus brancos lhe pesassem, e fôssem puxados á corda. Estava tudo. Perante índios, europeus e pretos, ia ser prestada homenagem ao velho Portugal. Mandei que um sargento fôssem buscar a bandeira. Minutos depois, com um silencio em que se não ouvia o zunir dum insecto, um corneteiro lança no espaço o estridente sinal de sentido. E' em seguida atada a bandeira á adriça. E enquanto ela sobe vagarosamente, cariciosamente beijada pela doce brisa do sertão, um brado atrozador sucede áquele profundo silencio. E' que enquanto a musica tocava e os pretos apresentavam armas, alguém se lembrou de gritar: *Baiéte!*... Foi como se um rastilho inflammasse, ali, naquele momento, centenas de almas. Aquela massa enorme de pretos, de braço estendido em direcção da bandeira, num côro unisono, grandioso, cheio de entusiasmo, com toda a força exclama:

— *Baiéte!... Baiéte!...*

E o brado forte foi-se afastando, prolongadamente, como um eco, deixando-me a agradável ilusão de que ele galgava montes e domava ondas para ir extinguir-se lá longe, muito longe, no coração de Portugal.

PIANOS "SCHWECHTEN"

DE CAUDA E VERTICAIS
com as seguintes patentes alemãs: Quadro de ferro com escora dupla, tampo harmonico e cavalete de ressonancia privilegiados, etc., ressaltando daí uma sonoridade volumosa, nobre e elastica que tornaram esta marca inconfundível e altamente apreciada em todo o mundo.
Rep. exc.

OLAVO CRUZ, LT.ª
L. Trindade Coelho, 6
(Antigo S. Roque)

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Chegou a noite. Quando, com os brancos, findo o jantar, me dirigi á parada, já grandes fogueiras, espaçadas, em volta do monte crepitosamente ardião. Não havia morteiros, nem fogo de artifício, nem a iluminação delicada das terras europeias. Havia o fogo selvagem, primitivo, rude e que, em labaredas e numa grande extensão, feericamente se devia avistar a distancia. A um canto do espaço largo, já os músicos tocavam num vistoso coreto que se improvisou. O resto do largo foi destinado ao batuque vatua que os soldados, na sua qualidade de landins, iam fazer. Chegou o momento. Fazia de chefe da dança guerreira o cabo Pequeno, meudo de corpo, que os outros pretos temiam e que, pelos saltos que dava e pela agilidade que tinha, mais parecia um macaco do que um desembaraçado e temido homem. Apresentaram-se os soldados, não com o fardamento oficial, mas com as vestimentas que o seu gosto e a sua fantasia criaram. Com lascas de madeira fingiam espadas, com pedaços de pau fingiam espingardas, e ainda com hastes de delgado bambú fingiam escudos e arcos de seta. Por indicação do chefe, formaram os pretos em meia lua, com a frente para os brancos. E o batuque começa. Não havia tambores. Havia o canto de vozes diversas que os landins, em atitudes guerreiras, começaram por entoar, numa saudação vatua, entusiastica, cheia de fé e em que, fervorosamente era invocada a feroz protecção do seu Deus. E o côro retumbante aumenta, muda de fase, de mistura com gritos e silvos selvagens, que os pretos com trejeitos de corpo lançam, para mostrar coragem e sede de sangue na luta contra o inimigo, que eles desejam vencer. E sempre com aquele canto, que ressoa estridente, prolongado, numa ansia de triunfo, uns, fingem disparar espingardas, outros arremessar flechas, e ainda outros, combater só com as mãos, com os dentes, raivosamente. Alguns, destacando-se, imitam com ruidos fantasticos, ora o sibilar das balas, ora o zunir das setas. Não ha desanimo, ha a convicção da victoria. Para os animar e lhes dar mais bravura, o chefe entra em scena. Como por encanto, e com vestimenta mais garrida e de grande barrete com plumas, aparece á frente dos guerreiros. E canta, então, com esgares de loucura; contorce-se, salta, pula, dá guinchos. Por vezes, deita-se, arremessa-se de bôco, mostra olhares de odio, de

raiva, parece querer morder a terra. Em seguida levanta-se, torna aspecto mais ativo, avança. E em volta, nos outros, as atitudes de guerra continuam ao som do cantico magestoso, cada vez mais forte, cada vez mais imponente. Por vezes, parece que uma grande tempestade parte, não das nuvens, mas de baixo, das profundezas da terra. E' que a victoria aproxima-se, está certa. E, sempre com a ideia do inimigo vencido, o côro final retumba, atrôa, e ressoa formidável pelo espaço fora:

Uimeban, Uimeban
Uime á panse, comejale
Uimeban!...
Ahó!!!...
Jué!!!...

Havia terminado a dança guerreira. Depois duma distribuição de tabaco e «sura» aos soldados, dei uma volta com os brancos pela povoação. Tudo alegre, todos em festa. Enquanto os landins continuavam, lá em cima, com coros afinados, as suas danças predilectas, cá em baixo, os maciús dançavam em batuques de grande roda, ao forte som dos tambores. A vozaria era grande. De volta do monte, os vivos clarões das fogueiras ao mesmo tempo que pareciam pôr em chamas a agua serena da larga baía, geravam tons fantasticos nas palhotas, nas arvores, na terra. Aquela luz forte, avermelhada, onde scintilavam faúlhas, dava um estranho realce áquele alegria de pretos, naquele dia de festa em honra de Portugal.

Ora eu já tinha notado, nas minhas voltas, que um dos banianos me seguia. De regresso ao quartel, resolveu-se, e dirigiu-se a mim, com ar triste:

— «Patana», senhor, «patana» dos portugueses.

— Sim, você será amigo de Portugal, mas não queria aparecer ha bocado, quando se tratava de honrar a sua bandeira. E você tinha obrigação de o fazer, visto achar-se em terra que é sua, e para onde você veio para negociar e para aferrolhar dinheiro. Não merece desconsideração Portugal, porque ele também não é incorrecto para gente que tem em terras que descobriu na Africa, na Asia, e nem mesmo quando dominou nas outras partes do mundo.

E, quando lhe voltava as costas, ouvi-o ainda, submisso, como que numa supplica:

— Senhor... Senhor!...

No dia seguinte, os dois padres e a musica partiram. Era muita a gente, lá em baixo na praia, para a despedida. A lancha aproxima-se, com um ligeiro rumor da agua. Todos embarcam. E, ainda por amabilidade dos hospedes, a musica, de pé, mais uma vez executa o hino português. Só um musico não tocou. Foi o mais novo, o musico do flautim, um pretito baixo, muito vivo, e que fazia grandes bochechas, quando tocava. E' que, enquanto a musica executava o hino, numa ultima saudação aos portugueses, depois de elevado pela cintura pelo patrão da lancha, de braço estendido grita:

— Vi-va Pé-tu-gal!...

E consoladamente noto que, junto aos pretos que se encontravam na praia, também os banianos respondiam, com agrado, áquele saudação inesperada que alguém ensinara ao môço.

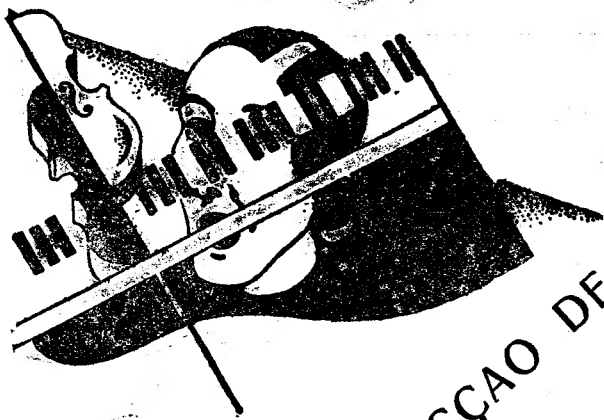
A lancha partiu, afastou-se, sumiu-se ao longe. E o meu espirito ficou, desde então, com relação aos banianos, como o mar que a levava: calmo, silencioso, disposto á bonança, e sem agitação de vagas...

PAES MAMEDE

POLICLINICA DO RÓCIO

PARA CLASSES POBRES

Camões, 19 (ao Rocio) — Telet. N. 3741
DR. A. PINA JUNIOR — Clinica geral e das crianças — 14 h.
DR. CAMOSSA Saldanha — Rins e vias urinarias — A's 11 h.
DR. CANCELA DE ABREU — Medicina geral, doenças nervosas — 17 h.
DR. CORDEIRO BLANCO — Doenças dos olhos — 11.30.
DR. F. MARTINS PEREIRA — Medicina geral, coração e pulmões — 15.30 h.
DR. OLIVEIRA MARTINS — Doenças das senhoras-gravidez, ás 15.
DR. JOSE PAREDES — Cirurgia geral, operações — 16 horas.
DR. CORDEIRO LOBATO — Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
DR. JORGE FALCÃO — Pele e sífilis — 14.30 h.
DR. GENTIL BRANCO — Raios X.
DR. GONÇALVES VITERBO — Doenças de boca e dentes, ás 17 horas.
Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanização, massagem e gymnastica medica.



AUMENTE A SUA COLECCAO DE DISCOS

COM ALGUNS DOS GRAVADOS PARA JANEIRO PELA "HIS MASTER'S VOICE"

ORQUESTRA SINFONICA DE FILADELFIA (Dirigida por Leopoldo Stokowski). Concerto N.º 2 em Dó menor, Op. 18. 3 movimentos (Rachmaninoff). Cinco discos duplos — DB1333 — Ao piano Rachmaninoff.

ORQUESTRA SINFONICA DE FILADELFIA (Dirigida por Leopoldo Stokowski). Grande Pascoa Russa, Rimsky-Korsakov D 1676/1677.

ORQUESTRA DA STATE OPERA DE BERLIM (Dirigida pelo Dr. Leo Blech). Rapsodia Hungara N.º 1 (Liszt). — B3135/6.

SIGFRIED ONEGIN (contralto). — Favorita — «O meu Fernando» (Donizetti). D. Carlos — «O don fatal» (Verdi). GB1292.

GIOVANNI INGHILLERI (baritono) com acomp. de Orq. dirigida por John Barbirolli. — O barbeiro de Sevilha — «Largo al factotum della città» (Rossini). — Othello — «Brinde» (Verdi). — D1698.

LAURITZ MELCHIOR (tenor) com orq. de Londres dirigida por Albert Coates. — Tanhauser — «Narração de Roma» — «Implorando o perdão» (Wagner). — «Foi então que eu o vi...» (Wagner). — D1675.

YEHUDI MENUHIN (violino) com acomp. de piano por Persinger. — Allegro (Fiocco). — La Capricciosa (Ries). — DA1003.

Button up your overcoat («Follow through»). — Foxtrot. — My lucky star (Follow through). — Foxtrot. — B5703.

Geh'n sie Baden. — Foxtrot. — Die Isabelle Huppt in Die Welle. — Foxtrot lento. — BG1357.

Spanish Life. — Valsa. — A gay Caballero. — B3170.

GRANDE BAZAR DO PORTO, Ltd.

LISBOA

Rua Augusta, 150-152

PORTO

Rua de S.ª Catarina, 192-198

ORQUESTRA E PIANO

ORQUESTRA

VOCAIS

INSTRUMENTAIS

DISCOS DE DANÇA

"HIS MASTER'S VOICE"



PIANOS

Autopianos
Rolos
Musicas

Gramofoneu — Discos

CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58

MOSAICOS

A maior produção de Portugal — Os de melhor fabrico

GOARMON & C.ª

A maior fabrica do país — Escritorio: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21. Rua do Corpo Santo, 32 — LISBOA. — Azulejos Cimentos — Louças Sanitárias.

OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Pedir catalogos e preços

Telefone C. 1244

TEATRO POLITEAMA

Tel. T. 5023 — HOJE — A's 9 e 11/2

O monumental espectáculo

A ARANHA

Programa brilhantissimo de Musio-Hall Rafael Arcos, artistas «maquetistas»; Conchita Leonardo, cancionista; Chatrand, in. comparavel «fakir» eo seu «mediun» Alexi.

TEATRO DA TRINDADE

A's 8 1/2 e 10 1/2 Duas sessões

Companhia Bortense Luz

1ª qua faz parte o actor Nascimento Fernandes

O maior tributo teatral em Lisboa portuguesa

FEIRA DA LUZ

Colégio Campo Grande

Liceus, commercio, instrucção primaria e infantil

Curso de explicações de qualquer classe dos liceus, sciencias ou letras, em lições individuais, em curso ou em casa do aluno

Tel. N. 6458

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 291

CARTAZ

TEATROS

Nacional — A's 21,45 — «A boneca e os fantoches». Trindade — A's 20,20 e 22,30 — «Feira da Luz». Ginásio — A's 21,30 — «Eu e Ela». Politeama — A's 21,30 — «A Aranha». Apolo — As 21,30 — «Os Fidalgos da Casa Mourisca». Avenida — A's 21,30 — «Comedia da vida». Variedades — A's 20,30 e 22,30 — «O Zé Povinho». Coliseu dos Recreios — A's 21 — Grande companhia de circo.

ANIMATOGRAPHOS

São Luís Cine — A's 21. Olympia — Das 14,30 às 0,30. Royal Cine, Rua da Graça, 100 — A's 9. Cinema Condes — A's 21. Fivoli — A's 21. Central Cinema — A's 21. Sálão Ideal — A's 20,30. Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ap. Alto do Pina). — A's 20,30. Cine Belgica, R. da Beneficência, (ao Rego). — Sabados, domingos e quartas. Jampolide Cinema — Aos domingos, segundas, quintas e sabados. Eden Cinema — R. Alvaro, Alcantara. Dancing's Maxim's — Baile e Variedades.

TEATRO APOLO

HOJE — A's 9 e meia

Estreia da Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo — Primeira representação, esta epoca, da peça em 5 actos e 6 quadros

Os Fidalgos da Casa Mourisca

Nos intervalos: Concerto por uma orquestra-jazz

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

AZEITE a 6\$00
Batata a \$50
Vinho a 1\$20

nos estabelecimentos de

VAL DO RIO

E

Abel Pereira da Fonseca, Lda.

SEDE: R. 1.º DEZEMBRO, 82, 1.º

Quebraduras

A QUEBRADURA é uma traiçoeira doença que talvez não vos incomode grandemente por agora, mas as suas consequências amargarão a vossa velhice, e o seu terrível perigo de

ESTRANGULAÇÃO

que não se evita com qualquer funda, pode causar-vos MORTE em poucas horas. As pessoas cansadas de comprar fundas que acrescentam as suas impaciencias ás doenças da quebradura, as senhoras e as crianças, enfim todas as vítimas de quebraduras devem adoptar prontamente os aparelhos de MR. BLETY, o grande ortopedico francez de fama universal.

Milhares de pacientes, tratados anteriormente, dão de fé que estes aparelhos garantem em todos os casos:

A perfeita e absoluta contenção.

A diminuição progressiva e rapida.

A desapareição definitiva das quebraduras, por mais antigas, rebeldes e volumosas que sejam.

Desaparecimento imediato do perigo de estrangulação e de todos os sofrimentos inherentes ás quebraduras abandonadas.

Suaves e comodos não incomodam nunca, ainda que o quebrado se dedique a trabalhos de campo ou outros trabalhos pesados.

Correspondendo á confiança com que a honraram numerosissimas pessoas durante viagens anteriores. MR. BLETY repete sua visita em Portugal.

«Acudi com a mais absoluta confiança a este especialista».

«Não deixeis de visitá-lo, porque com a demora periga a vossa saude».

«E tende bem presente que o imenso crédito de que goza a Casa Blety é a firme garantia de todo o quebrado».

Homens, senhoras e crianças devem apresentar-se, sem hesitar, em Lisboa, ao eminente ortopedico, onde poderão visitá-lo todas as pessoas que queiram encontrar um alivio immediato e uma cura certa das suas quebraduras.

Atendendo ao exito obtido nos numerosissimos e diferentes casos tratados nos ultimos dias de consulta, esté especialista receberá excepcionalmente em Lisboa, na sua casa Rua Alexandre Herculano, 27, sexta-feira, 31 de Janeiro e sabado dia 1 de Fevereiro.

Tambem receberá em: Vila Real de Santo Antonio, domingo, 2 de Fevereiro, no Hotel Guadiana. Tavira, segunda-feira, 3, Hotel Avenida. Olhão, terça-feira, 4, Hotel Jimenez e em Faro, quarta-feira, 5, Hotel Louletano.

Não esquecer que tratar com a casa BLETY é ficar garantido por toda a vida.

Lembrar bem o nome de BLETY, que é uma casa devidamente estabelecida em Portugal.

Horas de consulta — das 10 da manhã ás 17 da tarde. Corsetes ortopedicos — cintas de todos os modelos e para todas as deformações, e toda a classe de aparelhos ortopedicos construidos especialmente á medida de cada caso. Fabrica e expedições: BARCELONA (ESPAÑA), Rambla de Catalunya, 65.

Sucursal: Rua Alexandre Herculano, 27 — LISBOA

Avenida Stand Ltd.57, Rua Jardim do Regedor, 59
Tel. T. 5084Sortimento de acessórios para
automóveis, peças, pneus e ferramen-
tas.**ESTRANGEIRO****CURSO DE DANÇA
na Liga Naval**Prof. Machado, Melle Gaby dão lições
particulares e classes—Prêços modicos.
Travessa das Mercês, 3 (ao Calhariz)**O QUE VAI LA' POR FORA****Poeira do Mundo**
Conferencia naval

LONDRES, 30

Iniciou-se esta manhã a terceira sessão plenária da conferencia naval tendo o Primeiro Ministro, que presidiu, dito que a reunião tinha sido convocada para deliberar sobre a ordem dos trabalhos que tinha sido distribuída.

O unico assunto que figurava na ordem do dia a apreciação das questões gerais sobre os trabalhos da conferencia acerca dos quais a França, a Inglaterra e a Italia tinham apresentado as respectivas propostas nos seguintes termos: Primeiramente, a França propõe um sistema de tonelagem global tendo a proposito apresentado uma proposta conciliatoria; em segundo lugar, a classificação que deverá ser adoptada e finalmente em terceiro lugar a transferencia de tonelagem entre as diversas categorias e a quantidade e condições em que poderá ser efectuada.

A Inglaterra propõe o sistema de limitação por categorias e a Italia, em primeiro lugar, a determinação das proporções entre os diversos países e em segundo e ultimo lugar a determinação das tonelagens globais de cada um.

Macdonald disse que desde que a conferencia se iniciou duas coisas se têm evidenciado. A conferencia é constituída pelas cinco maiores potencias navais, e consequentemente os diferentes interesses e relações entre os diversos países eram extraordinariamente combinados, pelo que é absolutamente impossível negociá-los e resolve-los numa conferencia aberta.

As varias delegações devem trocar as suas opiniões com cada uma das outras, de maneira a esclarecer todos os mal entendidos e abrir assim o caminho para que se possam tomar compromisso e estabelecer acordos.

Este metodo tem sido adoptado todos os dias desde que a conferencia começou e ainda que, aos que não têm tomado parte nos trabalhos, os resultados pareçam muito lentos, para aqueles que compreendem as escabrosidades do assunto, os resultados obtidos têm sido considerados muito satisfatórios.

Além destas consultas, os chefes das delegações têm-se encontrado diariamente e como consequência destas duas espécies de negociações chegou-se ás conclusões que foram apresentadas como propostas para serem submetidas á discussão.

A Italia considera os dois pontos mencionados apresentados pela França e pela Inglaterra como opostos á sua categoria de negociadora, pois tratam dos assuntos mais por principios do que por metodos e o sr. Grandi deseja esclarecer a sua posição com a inclusão das duas questões que apresentou.—(H.)

CLINICA DENTARIA DA MADALENA

R. da Madalena, 112, 2.º — Tel. C-3878

Consultas, das 9 ás 20 horas. Das 9 ás 13, extracções, sem dor, 10\$00; obturações, 30\$00; dentes artificiais, 15\$00.

**ELIXIR
ESTOMACAL****& SAIZ DE CARLOS
(STOMALIX)**

Recetado pe los médicos
nas cinco partes do mundo
por tirar a dor no estomago,
as azias, as dispepsias, os vo-
mitos, as diarréas nas crian-
ças e nos adultos que, por
vezes, alternam com prisão
de ventre, dilatação e ulcera
do estomago; tonifica, ajuda
as digestões e abre o apetite,
sendo utilissimo o seu uso
em todas as doenças do

**ESTOMAGO
& INTESITINOS**

Depositaris para Portugal e Colonias
Vicente Pimentel & Quintana,
Rua da Prata, 194 e 196.—LISBOA

CRONICA DE BERLIM**BALANÇO**
do ano que passou

O alemão festeja o Natal no seio da familia, e a noite de S. Silvestre no meio da rua. A alegria sonora que tambem este ano reinou nas ruas de Berlim e das outras cidades alemãs deve ter sido um esforço para esquecer durante algumas horas as inquietações que o futuro ano deve trazer consigo.

Os primeiros jornais do novo ano publicaram, contudo, juntamente com profecias sobre o futuro, o balanço do ano passado.

Sob o ponto de vista economico, o ano de 1929 appareceu-nos, de começo indeciso. No principio, produziu-se um retraimento excepionalmente forte dos mercados de credito alemães, sob a influencia da tensão crescente dos mais importantes mercados internacionais do dinheiro, e sobretudo devido á perda das divisas durante as negociações sobre as reparações realizadas em Paris. Isto deve ter limitado muito o campo disponivel para as iniciativas. Apesar disso, a principio, a produção não ce-
deu a esta influencia exterior dos mercados do capital. Pelo contrario, no que respeita ás mais importantes industrias, ainda cresceu, até cerca dos meados do ano.

Por fim, a economia, porém, não se poud subtrair á pressão exercida pelos mercados do crédito. Desde os meados do ano, as industrias cuja produção é apoiada pela applicação do capital estrangeiro foram tendo sempre uma venda pior. A industria de maquinas decresceu, e mesmo na industria de construções já as dificuldades financeiras começaram a fazer sentir mais fortemente a sua acção. Continuou a terrivel crise da habitação, e deverão ser necessarios muitos anos para se conseguir uma alteração neste estado de coisas.

No mercado do trabalho, depois duma melhoria que durou até proximo dos meados do ano a situação foi-se tornando cada vez pior. O numero dos sem trabalho é assustador. Attingiu quasi um milhão e meio.

O Estado e os municipios punham grandes esperanças no mercado dos capitais. A administração financeira, e nomeadamente a administração financeira dos municipios, tem sido frequentes vezes alvo de uma severa critica na propria Alemanha, e vimos que, no fim do ano, o governo teve de intervir para introduzir a ordem nas finanças da cidade de Berlim, coisa que o Conselho Municipal, esgotado pelas lutas partidarias, sózinho, não podia conseguir. O novo ano na Alemanha, terá de ser um ano de rigorosa economia, se se quiser coadjuvar seriamente o auxilio que a diminuição de encargos com que se conta devido ao Plano Young, e a diminuição dos impostos demasiadamente elevados virão trazer á economia alemã.

Se o desenvolvimento economico se não pode de modo nenhum considerar como brilhante, temos contudo a compensação de poder registar resultados apreciaveis noutro campo, nomeadamente pela mecanica.

meadamente no campo da tecnica. Em 1929, um dirigitel, o «Graf Zeppelin» deu, pela primeira vez, a volta ao mundo; o «Bremen» ganhou a «Blaue Band» (fita azul) do Oceano.

E construíram-se os dois maiores aeroplanos do mundo: o hidro «Do. X» e o avião Yunkers A. 38.

Sobre o Rheno e outros rios foram lançadas varias pontes importantes susceptíveis de suportar mais do que as construções congeneres anteriores, com bastante menos materiais de construção, peso, e despesas de construção. São ainda de importancia os progressos na tecnica das comunicações: no ano passado telefonou-se pela primeira vez de Berlim para o Sião, e as conversas entre a Alemanha e a America do Sul já são correntes bem como a telefotografia entre a Alemanha e o estrangeiro.

A industria electrica manifestou tambem no ano de 1929 um enorme desenvolvimento.

Uma poderosa rede, com o potencial de 100.000 a 200.000 volts, atravessa hoje todo o Reich, dos Alpes até o mar. A energia proveniente da hulha branca dos Alpes Alemães está ligada com a produzida pela hulha da Westfalia e a lenhite da Alemanha Central. Até já se realiza por sobre as fronteiras da Alemanha uma troca mutua de energia com a Suíça e com a Austria. Conseguir-se de uma maneira digna de registo a resolução do difficil problema de encontrar um equilibrio compensatorio entre as horas da noite, nas quais pouco corrente é utilizada mas durante as quais, contudo, as fabricas de electricidade têm de produzir corrente, e as horas do dia durante as quais o consumo se eleva repentinamente. A agua é elevada por meio de bombas, e, durante a noite, para gigantescos reservatorios a grande altitude. Esta agua, durante o dia, vai impelir as turbinas, e deste modo eleva-se a energia potencial da central electrica, alcançando-se uma grande economia.

A grande tendencia da industria alemã consiste em racionalizar a economia, isto é, em produzir, com o menor gasto de dinheiro e de agentes de produção possivel. Racionalizar.

Eis o «grand mot» que o estrangeiro ouvirá pregar por toda a parte, na Alemanha de hoje. Se dependesse dos alemães, estes, com o seu espirito de iniciativa, transformariam, cremos, todo o país em curto espaço de tempo. Mas a penuria de dinheiro de que falámos impede os empreendimentos neste sentido. Talvez que isto seja bom, pois a racionalização num tempo curto de mais viria aumentar ainda o numero dos sem trabalho e por outro lado tambem parece desejavel que na Europa não nos deixemos cair demasiadamente na americanismo; antes pelo contrario devemos reservar tempo para aquelas coisas que não são dominadas pela mecanica.

O QUE VAI LA' POR FORA**Poeira do Mundo**
A agitação na India

BOMBAIM, 30

Em um artigo do seu jornal, *Joven India*, Gandhi declara desejar a completa suspensão das actividades revolucionarias violentas e pede a Lord Irwin que tome a iniciativa de reformas que compreendam a redução dos impostos agrarios, das despesas militares e dos salarios dos funcionarios de alta categoria; a abolição da taxa sobre o sal, a criação dos direitos aduaneiros sobre os tecidos importados e a libertação dos prisioneiros politicos, abandonando-se as perseguições por motivos politicos.

Gandhi conclui que estas reclamações não constituem de nenhum modo a lista completa das mais urgentes necessidades do país, mas, se o vice-Rei der andamento a estas necessidades, tão simples quanto vitais para a India, não mais se ouvirá falar de desobediencia civil e o Congresso participará cordalmente de qualquer conferencia, desde que nela exista a completa liberdade de expressão que a India pede. — (H.)

Politica francesa

PARIS, 30

O *Echo de Paris*, confirmando a proxima chegada do sr. Tardieu, diz que a sua presença saneará facilmente a atmosfera politica que, na cidade mais que no Parlamento, se encontra obscurada por pequenas nuvens geradas por intrigas pessoais ao serviço de interesses particulares — (H.)

Principe de Galles

CAPE TOWN, 29

O principe de Galles prolongou a sua visita a esta cidade, não partindo para Johannesburgo, antes de sexta feira.

A sua visita a Kimberley será de poucas horas, e em Johannesburgo estará tambem pouco tempo.

No sabado partirá para a Beira, donde seguirá, por mar, para Mombaça.—(L.)

**Zéca***Morgado**Reserva***Garrafeira Particular**A quinta essencia das vinhas do Alto Douro que
MORGADO & SILVA apresenta**Quereis dinheiro?**
Jógaí no*Lama*

RUA DO AMPARO, 51, LISBOA—Telefone N. 4020

GOLDEN PALACE**CABELEIREIRO DE SENHORAS**

Praça dos Restauradores, n.º 11

Telef. T. 3115

Este Salão um dos mais bem frequentados de Lisboa, sob a Direcção do seu proprietario **JOSÉ ARAÚJO** especializado na Ondulação Permanente e Mise-en-Plis e que tem ao seu serviço quatro artistas seleccionados entre os melhores de Lisboa, participa que acaba de receber os ultimos modelos de Pençados actualmente em moda em Paris e Londres.

Uma visita a V. Ex.ª ficará cliente do
GOLDEN PALACE.

Preços dos trabalhos executados neste Salão

Cortar	5\$00
Ondular	7\$50
Lavagem de cabeça	5\$00
Mise-en-Plis	10\$00
Manoeuvre	6\$00
Tintas, desde	30\$00
Ondulação permanente, desde	100\$00

ODEON Grande acontecimento
A formidável super-produção
dramática
O Jardim de Allah
Estreia da comédia-farça
O Circo Ambulante

ULTIMAS NOTICIAS

GARAGE AGUA D'OURO
Avenida Cinco de Outubro, 125
Telefone M. 5832
Aberto 24 horas Estação de serviço
Gasolina, óleos e pneus. Com-
pleto sortido de acessórios e
peças sobreceletes
Secções de: mecânica, casqui-
nheiro, electricidade e pintura

O Angola e Metropole

AS ultimas declarações de Alves dos Reis

Por determinação do sr. dr. Vicente de Vasconcelos, foi hoje levantada a incomunicabilidade a Alves Reis, na Penitenciária.

O advogado do falsário, sr. dr. Nobrega Quintal, correu imediatamente a visitar o seu constituinte, tendo sido ele a primeira pessoa que conseguiu permissão para lhe falar, juntamente com o redactor do «Diário de Lisboa».

O chefe dos guardas da cadeia, concedida a autorização pelo sr. coronel Gusmão, ilustre director do estabelecimento prisional, foi buscar Alves Reis à sua cela e acompanhou-o até à sala de visitas, onde o jornalista e o advogado o aguardavam.

* * *

Às 15,30 em ponto, depois de meia hora de impaciência e de curiosidade, o preso entrou na sala. Envergava um sobretudo de grande gola, e apresentava-se de chapéu na cabeça e polainas no lugar respectivo.

Cumprimentou com pose teatral, descobrindo-se e limpando-se da lama como quem vem de fóra, abraçou o advogado, e, tendo olhado para todos os cantos da casa, numa desconfiança, perguntou:

— Quem é este senhor?

Aquele senhor eramos nós.

O sr. dr. Nobrega Quintal fez a apresentação, e a entrevista começou.

— Dizem que fez declarações sensacionais...?

— Dizem os jornais... Mas eu ainda não li os jornais! Ao saber que tinha presa uma tia que adoro como minha mãe, quando o sr. dr. Vicente de Vasconcelos me pediu para conversar, comecei a falar como um gramofone.

— É verdade ter mandado roubar os celebres documentos do ministério dos Negocios Estrangeiros?

— Eu não os mandei roubar, embora soubesse que outra pessoa o tinha mandado fazer.

— Sabe-se que confessou serem falsas as assinaturas do contracto...

— Confessei o que já constava da minha contestação de defeza. De resto, o que os jornais dizem a meu respeito não me interessa. Ha quatro anos que estou habituado a apanhar pancada dos jornais. Olhe, quem vai estudar a Coimbra tira o curso de advogado. A mim deram-me o titulo de burlão, como me podiam dar o de marquês ou o de conde...

— Foram apreendidos documentos importantes?

— Alguns. Os principais, porém, os que tenciono exhibir no dia do meu julgamento, não conseguí a Policia apreendê-los! Esses, estão em lugar seguro...

O sr. dr. Nobrega Quintal confirma esta declaração.

— Os jornais dizem que o senhor está acabrunhado e abatido — observou o dr. Nobrega Quintal.

E Alves Reis, sorridente:

— Podem ter dito o que quiserem...

— É verdade ter mandado falsificar nove assinaturas de directores do Banco de Portugal, para levantar 30.000 libras depositadas num Banco de Londres?

— Assinaturas de quem?

Citámos os nomes, e Alves Reis, mudando de assunto, concluiu assim:

— Ainda é cedo para eu falar.

A CRISE EM ESPANHA

O GENERAL Berenguer apresentou esta tarde ao Rei o elenco ministerial

MADRID, 30. — (Pelo telefone) — O general Berenguer tem prosseguido durante o dia de hoje as suas diligências para formar governo e conta apresentar de tarde ao soberano o elenco ministerial completo.

Indicam-se varios nomes para as diferentes pastas, mas até agora o general Berenguer tem apenas como colaboradores certos os srs. duque de Alba, na Instrução Publica; general Marzo, actual capitão general das Baleares, no Interior; Estrada, antigo deputado por Malaga e antigo sub-secretario de Estado do Comercio, na Justiça e o conde de la Mortera, D. Gabriel Maura, filho do antigo chefe politico D. Antonio Maura, numa das pastas.

Citam-se ainda como ministeriáveis os nomes de Cambó, que chegou a Madrid e teve uma demorada conferencia com o general Berenguer, que o convidou para a pasta das Finanças; dos generais Saro e Cavalcanti, este ultimo possivelmente para a guerra; dos ex-ministros Leopoldo Matos e Ventosa; do barão de Viver, para o Trabalho, e dos srs. Calvet e Arguelles, antigo ministro, para outras pastas.

Se o sr. Cambó não aceitar a pasta das Finanças, indica-se o nome do sr. Figueras, director do Banco de Espanha.

Declarações politicas

O antigo ministro Leopoldo Matos fez as seguintes declarações que os jornais publicam:

— Qual julga que seja a solução mais acertada no actual momento? — perguntaram-lhe os jornalistas.

— Suponho que o general Berenguer, respondeu ele, formará um Governo de altas capacidades politicas, cuja missão, á parte as resoluções que têm de ser tomadas de momento, deve ser a de

preparar o regresso á normalidade constitucional pelo meio mais rápido e que ofereça melhores garantias.

O general Goded, governador militar de Cadiz, foi chamado a Madrid, a fim de tomar posse do seu novo cargo de director geral da Preparação e Campanha do Ministerio da Guerra.

O novo governo

Às 16 horas, a Agencia Havas comunicou-nos o seguinte telegrama:

MADRID, 30. — O general Berenguer apresentou esta tarde ao Rei o elenco do novo ministerio, que é assim constituído:

Presidencia e Exercito — General Damaso Berenguer.

Marinha — Contra-almirante Caravia.

Interior — General Enrique Marzo.

Finanças e interino da Economia — Manuel Argüelles.

Fomento — Leopoldo Matos.

Justiça — José Estrada.

Instrução — Duque de Alba.

Trabalho — Sangro y Ros de Olano, Marquês de Guadalupe.

* * *

O novo governo prestou juramento esta tarde, com excepção do general Enrique Marzo que só chega das Baleares às 8 horas da noite, e do sr. Marquês de Guadalupe que se encontra em Ginebra.

O FUNERAL do general Sinel de Cordes

A' hora a que fechamos o nosso jornal, está sendo depositado no seu jazigo do cemiterio dos Prazeres o corpo do sr. general Sinel de Cordes que ontem faleceu, vitimado por uma pneumonia.

Na sua casa da Rua Ponta Delgada, 42, 1.º, esteve ao principio da tarde o sr. Presidente da Republica, que se fez representar no enterro pelo sr. capitão Costa, seu ajudante.

Pouco depois compareceram o sr. general Domingos de Oliveira, chefe do Governo, e todos os ministros, além de centenas de pessoas cujos nomes é impossível publicar.

Pelas 9 e meia, havia sido resada pelo rev. Prior de Arroios uma missa de corpo presente, a que assistiram a família e alguns intimos.

* * *

Às 15, hora marcada para o funeral, encontravam-se na Rua Ponta Delgada as figuras mais marcantes do Exercito e da Armada, da Politica e da Finança, além dos srs. Embaixador do Brasil e ministro da França, generais, almirantes, os comandantes da G. N. R. e da Policia, governadores e directores dos Bancos, da Caixa Geral de

Depositos, do Montepio Geral, e quasi todos os aviadores militares.

Às 15,30, a urna contendo o corpo do ilustre extinto foi deposta sobre um armão de artilharia e coberta por numerosas corôas.

Uma escolta de cavalaria da G. N. R. prestou-lhe a continencia desembaílhando as espadas.

No largo D. Estefania incorporou-se no funeral — que foi dirigido pelo sr. Carlos Pereira — um esquadrão de Lanceiros 2 que estava formado ao principio da Avenida Casal Ribeiro.

O nosso querido administrador sr. Antonio Manzoni Sequeira representava o sr. tenente-coronel Pestana de Vasconcelos, encarregado de Negocios no Mexico.

João Baptista Ribeiro

Faleceu ontem, tendo-se realizado hoje, com grande concorrência, o funeral do sr. João Baptista Ribeiro, antigo comerciante e pai do ilustre republicano tenente-coronel sr. Helder Ribeiro, antigo ministro da Guerra, a quem apresentamos sinceras condolências.

D. Emilia Leal da Camara

Em Belas, faleceu esta madrugada a sr.ª D. Emilia Leal da Camara, mãe do ilustre artista sr. Leal da Camara, a cuja dor nos associamos do coração.

O problema da habitação

AS rendas que se pagam na linha do Estoril

(Continuação da 8.ª página)

gerais do direito e dar aos inquilinos a assistência que dos Tribunais têm o direito de esperar sob pena de cairmos no mais inqualificável dos abusos.

No regime da liberdade os contratos de arrendamento, estabelecido no Código Civil, nunca aos senhorios foi permitido elevar a seu arbitrio, as rendas respectivas no decurso do prazo do arrendamento ou de qualquer das suas prorrogações.

E quando, findo esse prazo, os senhorios queriam aumentar as rendas e os inquilinos se não queriam sugeitar ao aumento nunca ninguém pensou que se pudesse requerer e obter o despejo com o fundamento na falta de pagamento da renda.

Nunca. O que se dava era isto: Os senhorios requeriam e obtinham o despejo com o fundamento de não lhes convir a continuação dos arrendamentos.

Mas essas acções estão hoje proibidas, em geral, pelo artigo 106 do Decreto 5411 e pelo artigo 5.º da Lei 1662.

E o decreto 15.289 restabeleceu tais acções apenas para um caso excepcional, referente ás casas a construir de futuro, quando os inquilinos não quizerem conformar-se com as rendas que os senhorios lhe quizessem impôr na renovação dos contratos de arrendamento. Pondere-se tudo isto e ver-se-ha que é o proprio Decreto 15.289 que firma a doutrina de que a não conformação do inquilino com o arbitrio do senhorio, não corresponde a falta de pagamento de renda como motivo de despejo.

Acacio Furtado, advogado

O grande acontecimento de amanhã



Ricardo Calvo

o eminente actor que á frente da Companhia do Teatro Espanhol, de Madrid, estreia amanhã no Gimnasio, numa recita de Arte que será memorável.

Quer a sorte grande?
Habite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115